Palmer Robertson



Alianças

Palmer Robertson

Digitalizado por: jolosa



Alianças

Alianças

Alianças © 2010 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *Covenants* © 1987 by Great Commission Publications, Inc., 3640 Windsor Park Drive, Suwanee, Georgia 30024, USA. Used by permission. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2010
3.000 exemplares

Conselho Editorial
Ageu Cirilo de Magalhães, Jr.
Alderi Souza de Matos
André Luís Ramos
Cláudio Marra *(Presidente)*
Fernando Hamilton Costa
Francisco Solano Portela Neto
Mauro Fernando Meister
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial
Tradução
Paulo Arantes
Revisão
Claudete Agua
Bruna Perrela Brito
Wilton Lima
Editoração
Carla Daniela Araujo
Capa
Lela Design

V299f Robertson, Palmer
Alianças / Palmer Robertson; Robertson, Palmer; traduzido por Paulo Corrêa Arantes. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2010
96 p.; 16x23 cm
Tradução de Covenants
ISBN 978-85-7622-293-4
1. Teologia da Aliança

EDITORA CULTURA CRISTÃ
R. Miguel Teles Jr., 394 – Cambuci – SP – 15040-040 – Caixa Postal 15.136
Fone (11) 3207-7099 – Fax (11) 3279-1255 – www.editoraculturacrista.com.br
Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

"Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo" (Lv 26.12).

SUMÁRIO

Introdução		9
Capítulo 1	A aliança: um compromisso de sangue	11
Capítulo 2	Os primórdios da aliança	15
Capítulo 3	Planejando o compromisso	21
Capítulo 4	Preservação para a salvação	25
Capítulo 5	"Eu prometo eternamente"	33
Capítulo 6	Um selo para a promessa	41
Capítulo 7	Esperança para a sua família	47
Capítulo 8	Preceitos e problemas	55
Capítulo 9	Progresso mediante preceitos	61
Capítulo 10	O rei está vindo	69
Capítulo 11	A consumação de tudo isso	75
Capítulo 12	Encontrando o equilíbrio	81
Capítulo 13	A cruz e a aliança	89

INTRODUÇÃO

Você procura algo para mantê-lo perto de Deus? Algo que lhe dê a certeza de que ele nunca deixa você sozinho? Então você está procurando pela aliança de Deus, sua promessa eterna.

"Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo" é a pulsação de cada aliança divina na Bíblia. Essa fórmula de esperança aparece no primeiro livro da Bíblia para renovar a confiança de um homem frustrado com a espera (Gn 17.7,8). No último livro da Bíblia, ela irrompe com esplendor para iluminar a glória final do crente (Ap 21.3). Entre o começo e o fim, o constante encorajamento do homem ou da mulher que precisa de Deus encontra-se neste mesmo centro pactual: Deus comprometeu-se de tal maneira que ele pode ser o seu Deus e você pode fazer parte do seu povo para sempre.

Quando concluir que o seu mundo pessoal está desmoronando, talvez você esteja reagindo às tensões de um casamento ou aos problemas da profissão. Você pode estar perplexo quanto à busca por um propósito ou por causa de um sentimento de vazio em todos os seus esforços e relacionamentos.

As alianças de Deus fornecem o fundamento e a estrutura para a vida. O casamento é mais bem entendido como uma aliança, um compromisso tripartido entre o homem, a mulher e o Senhor. Pais e filhos podem se relacionar melhor uns com os outros quando têm consciência da aliança de Deus com a família. As responsabilidades no trabalho têm significado apenas a partir do entendimento do compromisso que Deus fez, no início da criação, com o mundo.

Por outro lado, se você pensa de modo global e procura explicações para o propósito de Deus para as nações, ainda assim você deve pensar em termos de alianças de Deus. O entendimento do antigo compromisso dele com povos em particular é o único modo de esclarecer os problemas complexos da política do nosso tempo.

Portanto, é hora de assimilar as alianças de Deus, para *conhecê*-las no sentido do Antigo Testamento de fundir-se com a realidade delas.

Esse conhecimento sincero equilibrará a sua vida pessoal. Ele tornará a sua alma sensível a uma nova consciência do programa de Deus para o mundo. Ele transformará a sua família num tipo de unidade nuclear que causará impacto no mundo.

1

A ALIANÇA: UM COMPROMISSO DE SANGUE

"Essa foi a primeira vez que fomos cercados por um grupo de canibais furiosos, mas Deus nos livrou." (Do diário de um antigo missionário; *Before We Kill and Eat You*, de H. B. Garlock, org. Ruthanne Garlock. *Christ for the Nations*, Dallas, Tex., 1974:75.)

Cinco missionários foram cercados por nativos com facões e lanças, que ameaçavam matá-los. Um garoto nativo desaparecera da escola missionária e os missionários foram responsabilizados. Visto que os nativos eram canibais, eles suspeitaram que os missionários tinham comido a pobre criança. Naquela noite, o Rei Tho e os anciões retornaram, implorando aos missionários que os desculpassem pelo que haviam feito em sua fúria. A criança tinha retornado por si mesma, sã e salva.

Após as desculpas, a garganta de um pássaro branco foi cortada. O sangue foi aspergido primeiro sobre os missionários e, a seguir, sobre os nativos. O chefe declarou que uma aliança de sangue fora feita entre as duas partes. Nunca eles derramariam o sangue dos missionários e nunca os missionários derramariam o sangue dos nativos. Todas as futuras gerações de ambas as partes da aliança estavam comprometidas por essa cerimônia.

Alianças outrora e agora

Embora isso tenha ocorrido numa tribo remota da África Ocidental, dois mil anos depois dos tempos bíblicos, o costume desse povo reproduz quase exatamente a antiga tradição dos procedimentos de se fazer uma aliança registrados na Bíblia. Muitas vezes, Deus e o povo se comprometeram mediante o sangue da aliança.

Hoje em dia, para selar um acordo, homens e mulheres assinam um contrato. Se o caso o exigir, o processo de assinatura pode incluir o endosso de um tabelião público para confirmar o compromisso. Uma assinatura

reconhecida em cartório representa um juramento legalmente obrigatório que somente pode ser quebrado com severas conseqüências legais.

Várias cerimônias diferentes salientam a solenidade dos vários compromissos que Deus assumiu com o seu povo. Partes de um animal eram divididas, um sacrifício era oferecido, uma refeição era comida, o sangue era aspergido, o povo passava sob um cajado de pastor (cf. Gn 15.10, 17,18; 26.28-30; Êx 24.8; Ez 20.37). A maioria dessas cerimônias representava um procedimento de fazer um juramento. Os juramentos formais podem não exercer um papel tão importante na sociedade atual, mas o fato de que Deus, o criador, comprometeu-se mediante juramentos pactuais é uma realidade relevante que a Escritura repetidamente atesta.

A seriedade do juramento divino é enfatizada pela fraseologia usada para descrever o modo pelo qual Deus faz uma aliança. Deus "corta" uma aliança com os homens (cf. Gn 15.18; Êx 24.8). Certamente não é a aliança em si que é cortada. Em vez disso, a frase se refere aos animais que eram cortados quando a cerimônia de se fazer uma aliança era celebrada.

E daí?

Pode ser uma questão de curiosidade social observar que o homem primitivo cortava animais para fazer uma aliança, enquanto o homem civilizado assina um contrato. Mas qual é a relevância dessa prática mais antiga para os dias atuais? Ela é tão relevante quanto as seções sobre nascimentos, casamentos e óbitos dos jornais.

A morte, por exemplo, vem porque a aliança entre Deus e o homem foi quebrada. Pode ser conveniente crer que a morte resulta naturalmente em razão da humanidade do homem. Porém, a consciência e a aliança de Deus confirmam algo diferente: porque nós quebramos o juramento obrigatório da aliança, a morte nos leva à sepultura.

Quando Jesus Cristo tomou o cálice e disse: "Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós" (Lc 22.20), ele confirmou a importância permanente do compromisso de vida e morte incorporado nas alianças de Deus. Jesus apontou para o sangue da aliança porque ele entendeu o profundo significado da aliança de Deus com o homem.

Sinais e símbolos

Deus, ao longo de toda a História, concedeu certos sinais juntamente com suas alianças. Quando um casal de noivos jura lealdade mútua, eles trocam alianças. Estas alianças servem como símbolo e penhor de sua fé constante e amor duradouro.

Deus indicou o arco-íris como o sinal de sua promessa a Noé (Gn 9.12-17). Para confirmar a sua aliança com Abraão, ele instituiu a circuncisão (Gn 17.9-14). Ao revelar a sua obra a Moisés, Deus designou o dia de sábado como o sinal eterno entre ele e Israel (Êx 31.13). Davi foi ungido como rei tanto por si mesmo quanto pelos seus filhos (Sl 89.20, 29). Na nova aliança, o batismo e a refeição pactual da ceia do Senhor foram estabelecidos por Jesus como sinais da unidade que ele mantém com o seu povo (Mt 26.26-29; 28.18-20).

Qual é o valor de um sinal? Absolutamente nenhum – a menos que a pessoa que dá o sinal esteja pronta para sustentar o seu significado. Se num leilão você fizer um sinal de que quer pagar vinte mil reais por um quadro, é bom que você esteja disposto a realmente efetuar a compra: o fato de ter feito o sinal o comprometeu. Você comprometeu-se por juramento com o leiloeiro.

Se você quer ter certeza acerca do que vai acontecer, ou não, no mundo hoje, considere os sinais da aliança de Deus. Eles permanecem indicadores claros dos compromissos de Deus com homens e mulheres. Ele comprometeu-se – e o seu povo está comprometido com ele – com um juramento de vida e morte mediante os sinais da aliança.

Deus estabelece os termos

Um aspecto merece atenção especial. O Criador Todo-Poderoso de todas as coisas não deixa os termos de sua aliança aos caprichos e fantasias da nossa imaginação. O Senhor, em sua própria sabedoria, estabelece os limites da bênção e da responsabilidade em suas alianças.

Adão não disse: "Senhor, eu aprecio a liberdade que o senhor me concedeu para comer de todos estes tipos diferentes de árvore. Estou até mesmo disposto a fazer um pouco de jardinagem aqui e ali. Porém, enquanto me negares o privilégio de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal não posso concordar com as tuas propostas". Ele não tentou barganhar com Deus, porque entendeu que as alianças divinas são administradas soberanamente. Somente o Senhor estabelece os termos de seus compromissos com os homens. Assim deve ser sempre. Somente Deus determina os limites das atividades de sua criação.

Em resumo: uma aliança pode ser definida como *um compromisso de sangue administrado soberanamente.* Nas alianças divinas, a vida e a morte estão em jogo. Deus compromete-se com os seres humanos e estes com ele. Vida em nossa alma, bênção em nossa família, prosperidade em nosso

trabalho e no curso do mundo – todas essas questões dependem das condições das alianças de Deus. A sua paz pessoal (no sentido hebraico de "total bem-aventurança") origina-se apenas de crer nas alianças e viver de acordo com elas.

Perguntas para revisão

1. Como uma aliança pode ser definida?

2. Você pode pensar sobre as maneiras concretas em que os homens hoje tentam determinar, por si mesmos, os termos de seu relacionamento com Deus e com o mundo em vez de reconhecerem a autoridade de Deus na aliança?

3. Quais são alguns dos sinais que Deus usou em sua aliança?

Perguntas para discussão

1. Como você reage ao ler a história do rei Tho e seus anciãos?

2. Que promessa ou acordo é descrito nestas passagens: Gênesis 15.10, 18; Gênesis 26.28-30; Êxodo 24.8; Ezequiel 20.37?

3. De que maneira Lucas 22.20 cumpre as alianças do Antigo Testamento?

2

OS PRIMÓRDIOS DA ALIANÇA

A aliança da criação

Você é um ateísta? É difícil para você convencer-se da realidade de Deus? Nesse caso você é como um peixe que não acredita no oceano.

O peixe ateísta rompe a superfície da água. Ele se sacode para livrar-se da última gota do oceano. Ele corajosamente proclama: "Eu não creio no oceano". A seguir, ele se joga novamente na água, prende a respiração e começa o seu exercício ateísta novamente.

Muitas pessoas nada sabem acerca das alianças de Deus. Elas podem jamais ter ouvido a palavra *aliança* num contexto teológico. Mas todas elas são criaturas da aliança. Desde o começo da obra criacional de Deus, todas as pessoas estão comprometidas em aliança com o Todo-Poderoso.

Elas podem não conhecer esse fato conscientemente, mas não podem negá-lo no seu íntimo. Elas também sabem que são obrigadas a submeter suas vontades à vontade do criador. Elas até mesmo sabem que são violadoras da aliança, dignas de morte (Rm 1.32). Elas são como o peixe que tenta não acreditar no oceano.

O modelo de Deus para a criação

Na criação, Deus comprometeu a humanidade consigo mesmo numa aliança de vida e morte. Ele fez um teste com Adão e Eva. A árvore do conhecimento do bem e do mal exerceu um papel-chave nesse procedimento de teste: a obediência significava vida e a desobediência significava morte. Nesse compromisso original, não foi feita nenhuma provisão de bênção no caso de quebra da aliança. Adão precisava entender que, embora fosse uma criatura gloriosa, ele não era uma criatura soberana.

Mas não vamos fazer a existência do primeiro homem parecer confinada a uma única decisão. Adão não ficou inativo sob essa árvore destacando pétalas de margaridas enquanto recitava:

> Vou comer da árvore – não vou comer;
> Vou comer da árvore – não vou comer;
> Vou comer da árvore – não vou comer.

Além desse teste especial, Deus construiu o mundo de modo que esse único portador da imagem tivesse responsabilidades consoantes à sua dignidade pessoal como homem. Ele deve se casar e se multiplicar; ele deve subjugar a terra; ele deve conduzir o mundo em sua consagração de todas as coisas para a glória de Deus. Casamento, trabalho e o sábado – essas são as ordenanças da criação que fazem parte da estrutura do universo. Como a lei da gravidade, essas ordenanças estabilizam o mundo que Deus fez.

Num pequeno centro industrial em Anniston, Alabama, poderosas prensas transformam chapas de aço em chapas de metal fixos e funcionais. A seguir, as chapas são aquecidas a uma temperatura que as tornam maleáveis, e máquinas poderosas exercem uma pressão de cerca de seis mil toneladas para conformá-las a um molde escolhido.

As ordenanças de Deus da criação moldam o mundo como essas poderosas prensas moldam o aço. Longe de funcionarem como opções polidas às quais uma pessoa pode ou não se conformar, essas leis da realidade criacional definem o estado das coisas. Desobedeça por sua conta e risco!

Considere os seguintes elementos básicos da estrutura pactual de Deus com o homem original.

Primeiro, o sábado. O sábado é um bom ponto para se começar esta discussão sobre os mandatos da criação de Deus, porque estamos predispostos a resistir a qualquer estrutura que dite o modo da nossa adoração pessoal. Por causa dessa busca por absoluta liberdade na adoração é que se torna ainda mais necessário observar que não foi assim desde o princípio.

Deus abençoou e santificou o dia de sábado (Gn 2.3). Essa bênção, essa santificação, não foi uma palavra proferida num vácuo. Ela *fez* algo. Ela afetou os rudimentos do universo num nível que pode ser comparado à estrutura básica da matéria. Particularmente por causa dos homens e das mulheres, Deus abençoou e santificou o sábado. Como o próprio Senhor do sábado disse: "O sábado foi estabelecido por causa do homem" (Mc 2.27).

Sim, Cristo discutiu acerca dos preceitos do sábado. Sua controvérsia, contudo, não foi a respeito da ordenança da criação como registrada nos primeiros versículos de Gênesis: ela dizia respeito às regras exigentes dos

autodesignados técnicos do sábado de seus dias. Mas nem ele nem seus discípulos, quer por palavras ou por exemplo, contradisseram o princípio de que nós precisamos de um dia regular para ativar os fogos da nossa consagração a Deus.

O vidro frio se quebrará sob a mais leve pressão na tentativa de se alterar a sua forma. Mas aquecido e colocado nas mãos do artesão, ele pode ser moldado simplesmente pelo sopro ou pelo toque. Do mesmo modo, os homens e as mulheres precisam do fogo de sua devoção regularmente aceso. Então, eles podem ser moldados de acordo com a vontade do seu criador. Tanto hoje quanto nas primeiras horas de sua criação, a ordenança semanal pela qual os homens e mulheres preservam suas prioridades deve ser mantida.

Segundo, o casamento. Certamente chegou a hora de enfatizar as origens da instituição do casamento – não por causa dos possíveis descontos nos impostos, mas porque o campo sexual deve manifestar a separação de uma santa consagração: dois e apenas dois serão uma carne (Gn 2.18; cf. Mc 10.7,8).

Uma ordenança de Deus tão antiga quanto este mundo, mas tão fresca como cada novo dia deve ser ouvida e atendida pelos jovens de hoje: (1) case; (2) tenha filhos; (3) crie esses filhos na disciplina e na admoestação do Senhor. Quando estiver se debatendo à procura de propósito e significado, objetivos e vocações na vida, volte ao essencial! (1) case; (2) tenha filhos, (3) crie esses filhos no Senhor. Algumas das razões mais essenciais para a existência concentram-se nesses princípios básicos.

O "é bom que o homem não toque em mulher" (1Co 7.1) de Paulo, se harmoniza com a declaração divina na criação: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18). Por causa da angústia do tempo presente e graças a um dom especial, alguns homens e mulheres servirão a Deus e aos homens mais proveitosa e alegremente num estado de solteiro. No entanto, a sua situação característica não deve prejudicar a ordenança da criação. O casamento deve ser considerado como o curso que ordinariamente deve ser seguido, enquanto a vida numa situação de não-casado pode ser uma circunstância apenas extraordinariamente designada por Deus.

Uma avaliação cuidadosa da estrutura original do casamento aponta para o modo pelo qual alguns dos temores e más compreensões modernas acerca do casamento podem ser abrandados. A Escritura declara que Deus fez para o homem "uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gn 2.18). A língua original da Bíblia emprega apenas duas palavras: *auxiliadora* e *idônea*. Esses dois elementos fornecem o tipo de equilíbrio necessário para manter o barco do amor do casamento na horizontal.

A Escritura, bem como a natureza, indicam que a mulher foi feita para o homem e não *vice-versa* (1Co 11.9). A batalha dos sexos será interminável a menos que esse princípio básico seja compreendido. A mulher encontra realização quando atua como auxiliadora do homem.

Para equilibrar esse princípio está a outra dimensão da ordem da criação. A mulher é uma auxiliadora "correspondente" ao homem. De todas as maneiras, ela é a imagem de Deus exatamente como ele. Sua dignidade como pessoa de modo algum é inferior à dele. Se ela deve ser auxiliadora do homem, sua vocação estabelecida pode ser realizada apenas quando ela compreende o seu potencial mais pleno como uma pessoa igualmente feita à semelhança da glória de Deus. Apenas quando os seus dons e habilidades atingem o ápice da maturidade ela pode fornecer a ajuda que o seu esposo necessitará.

O homem, por sua vez, exerce liderança de modo a garantir que ela alcance o seu pleno potencial. Não como um egocêntrico ou irascível, mas como um cabeça amoroso e redentor que faz o homem manifestar a sabedoria de Deus nos laços do casamento (Ef 5.22-28). Ele age como um namorado, dando generosamente cuidado auto-sacrificial para aquela com quem ele está casado.

Terceiro, o trabalho. A terceira ordenança da criação, que fornecerá um retorno de plenitude de vida quando observado, é a ordem de sujeitar a terra (Gn 1.28). Embora declarado numa simples e pequena frase, esse mandamento possui implicações cósmicas. Subordinar o poder do átomo, bem como conhecer o potencial do espaço cósmico, recebe a sua justificação a partir dessa primeira diretiva do alto.

O trabalho manual deriva sua dignidade desse mandamento de sujeitar a terra. Imagine Uzias, um dos maiores reis de Israel, trabalhando no campo com uma enxada, moendo torrões de esterco entre suas mãos – e desfrutando de cada minuto disso! Ele amava o solo (2Cr 26.10).

Ao contrário do ideal moderno de fugir do trabalho, a Bíblia presume que o trabalho será realizado com constância bem-definida. O princípio do sábado toma por certo que os seis dias de trabalho serão associados com um dia de descanso. Não necessariamente na fábrica ou no escritório, mas de um modo ou de outro os homens e mulheres deveriam incumbir-se da tarefa que está diante deles com uma ordem padronizada. Seja programando um computador, ornamentando o gramado ou lixando as manchas de ferrugem do seu carro antigo, o trabalho deve ser feito com reverência e regularidade.

O Novo Testamento deixa totalmente claro que o trabalho não é opcional. Mesmo no contexto da nova aliança da graça, o bom trabalho diligente permanece essencial.

> Pois vós mesmos estais cientes do modo por que vos convém imitar-nos, visto que nunca nos portamos desordenadamente entre vós, nem jamais comemos pão à custa de outrem; pelo contrário, em labor e fadiga, de noite e de dia, trabalhamos, a fim de não sermos pesados a nenhum de vós; não porque não tivéssemos esse direito, mas por termos em vista oferecer-vos exemplo em nós mesmos, para nos imitardes. Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: se alguém não quer trabalhar, também não coma.
>
> (2Ts 3.7-10).

Essas ordenanças criacionais do sábado, do casamento e do trabalho contêm a fórmula divina para os relacionamentos corretos no mundo de Deus. Violar qualquer um desses princípios é insultar a realidade. O fato de que os homens e mulheres modernos questionam tão fluentemente cada um desses princípios indica precisamente quanto eles têm se desviado para o estado abismal da realidade sem sentido.

Obediência radical

O ponto central dessa aliança da criação ainda não foi tocado. Em última análise, a vida depende da nossa prontidão em ouvir e atender à voz de Deus simplesmente porque *é* a voz de Deus.

A justificação para se encontrar o princípio da vida na submissão à Palavra de Deus é exibida vividamente no teste final da prontidão original do homem em obedecer a Palavra de Deus simplesmente porque Deus havia dito. Adão poderia ter raciocinado que deveria trabalhar no jardim, encher a terra e consagrar tudo a Deus. Mas apenas a pura Palavra de Deus poderia ter-lhe indicado que ele não deveria comer de uma árvore particular do jardim, embora tivesse livre acesso a todas as outras.

Adão estava disposto a submeter a sua vontade à autoridade de Deus? Reconheceria ele plenamente o fato de que Deus, o criador, estava infinitamente acima do homem, a criatura? Ele poderia continuar a viver apenas se ele reconhecesse que a fonte da vida existia numa pessoa fora dele mesmo.

Séculos mais tarde, o drama radical do Getsêmani se concentrou de um modo semelhante na obediência radical do filho de Deus. Em suas horas de teste, Jesus alcançou a submissão à vontade de Deus que era essencial para nossa salvação. Embora *nunca* tivesse sido desobediente, ele aprendeu

a obediência no seu nível mais profundo de intensidade (veja Hb 5.8). Em estágios sucessivos ele moveu-se de

> se possível, passe de mim este cálice (Mt 26.39)
>
> para
>
> se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade (Mt 26.42)
>
> para
>
> não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu? (Jo 18.11).

O primeiro homem fracassou no teste e em seu fracasso ele perdeu a vida. Pela sua ação, ele também perdeu toda reivindicação à vida para as gerações subseqüentes. No compromisso original entre Deus e o homem, nenhuma provisão de bênção foi oferecida no caso de desobediência. Como resultado, todos morreram em Adão (1Co 15.22). Pela desobediência de um homem muitos foram feitos pecadores (Rm 5.19). A bondade de Deus na criação da humanidade foi rejeitada por uma autonomia vazia que sentenciou o homem a morrer sozinho.

Perguntas para revisão

1. Quais são as três ordenanças criacionais e quais esferas da vida elas afetam?

2. Que problemas contemporâneos, nas áreas da adoração, do casamento e do trabalho, deveriam ser tratados mediante um entendimento mais completo das ordenanças da criação?

Perguntas para discussão

1. Que aspectos do seu casamento, trabalho ou adoração estão preparados para o desenvolvimento ou necessitam de correção agora?

2. Que problema em particular você enfrentará se procurar mudar seus padrões de vida nessas áreas?

3. Como a sua família reforça o seu compromisso de aliança com Deus no domingo?

4. Como você ajudaria uma pessoa que precisa trabalhar no domingo por causa de necessidade ou misericórdia a cumprir sua necessidade de adoração e repouso?

3

PLANEJANDO O COMPROMISSO

Adão: a aliança do início

O tempo do julgamento e da sentença final ainda não havia chegado. Mas o homem era inquestionavelmente culpado.

O que fazer com ele?

O encarceramento não serviria a um bom propósito. Visto que a intenção final desse juiz era satisfazer a justiça de algum outro modo que não dar ao violador da lei o que ele merecia, um castigo imediato de pena de morte seria contrário a esse gracioso propósito.

Assim, a autoridade suprema castigou o rebelde para o próprio bem dele, mandou-o seguir o seu próprio caminho e comprometeu-se, mediante a mais solene promessa, de que a justiça seria mantida exatamente como o dom imerecido da vida é concedido.

Quando uma pessoa acusada de um crime sério é deixada em liberdade até o julgamento, pode ser estabelecido um compromisso. No caso sob consideração, nenhum compromisso mais sério poderia ser concebido do que o solene juramento do Deus da aliança. Se o Senhor não aparecesse com tudo o que ele prometeu, sua integridade como Deus seria despedaçada para sempre.

Uma promessa feita

Paralelos entre o modo como Deus tratou o homem após o pecado e o modo como o moderno sistema de leis trata criminosos não podem ser exigidos em cada detalhe; todavia, a idéia básica do planejamento de Deus de um compromisso na forma de uma aliança de compromisso certamente é pertinente.

Deus não tem absolutamente nenhuma obrigação para com o homem, uma vez que este se revoltou contra a vontade do Todo-Poderoso e aliou-se com a serpente, que é Satanás. Como as pessoas são presunçosas hoje, pensando que Deus lhes deve um meio de vida, e que o fato de terem sido criadas impõe o seu direito à boa saúde, prosperidade e abundância. Nada poderia estar mais longe da verdade! Você não pode ver cada pecado como uma rebelião inspirada satanicamente que merece a morte; mas a sua insensibilidade para com a crueldade do pecado não pode anular a realidade do fato de que, pelo pecado, você perdeu todo direito à vida e às suas bênçãos.

Mas Deus é gracioso – ele comprometeu-se mediante um juramento. Embora o homem tenha provado ser ingrato, rebelde e obstinado, Deus escolheu obrigar-se para com o pecador. Leia o compromisso do criador encontrado em Gênesis 3.14-19.

Primeiro: "Porei inimizade entre ti [Satanás] e a mulher". Observe que essa inimizade é da iniciativa de Deus. De outro modo, o homem e a mulher teriam permanecido unidos a Satanás em sua oposição a Deus.

Segundo: Deus colocará inimizade também "Entre a tua [de Satanás] descendência e o seu [da mulher] descendente". Agora a inimizade, ainda da parte de Deus, é descrita como se surgisse de dois acampamentos armados. Um múltiplo de cada semente se empenhará num conflito mortal. Essa luta continuará por todo o longo corredor do tempo.

Terceiro: "Este [da mulher] te ferirá a cabeça [de Satanás], e tu [Satanás] lhe ferirá o calcanhar". Agora o conflito desenvolve-se num combate corpo-a-corpo entre dois indivíduos, um representando toda a multidão endurecida de Satanás, o outro representando a multidão redimida de Deus.

Quarto: a mulher dará à luz, mas apenas num contexto de grande dor e sofrimento.

Quinto: o homem comerá o alimento que sustenta a vida, mas apenas como resultado de trabalho excessivo pelo fruto produzido.

Sexto: no fim, os homens feitos do pó retornarão ao pó.

Aqueles que são inclinados a crer pela metade na Bíblia preferem ver essa narrativa como um mito, uma lenda, uma saga. Para eles, ela explica as lutas básicas do homem primitivo. As serpentes ferem o calcanhar e os homens revidam. Mas, honestamente, o cenário da luta em Gênesis não é

em si muito mais profundo? Ainda que essas palavras expliquem a animosidade entre as serpentes e os homens, elas também descrevem um ódio mais profundo entre Deus e o tentador, uma luta para a qual o homem e a mulher foram inevitavelmente arrastados.

Considere as revelações básicas a respeito da vida que estão contidas nessas breves palavras. Provisão do alimento, alívio da dor, realização do trabalho, gerar filhos e lidar com a inevitabilidade da morte – estes são os problemas infalíveis dos quais ninguém pode fugir. Todas essas preocupações são reconhecidas nesses breves versículos.

Um herói salvador

Mas no final entrará na arena da história humana um herói salvador singular. Como um representante do homem como Adão, esse herói se empenhará contra o próprio Satanás em um combate mortal. Enquanto Satanás ferirá o calcanhar desse homem, o homem esmagará a cabeça de Satanás. Esses versículos antecipam de modo preciso a vida e a morte de Jesus Cristo, o homem perfeito. Ele, "despojando os principados e as potestades [satânicas], publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2.15).

Satanás pensou que tinha esmagado o Cristo – ele o pregou na cruz! A cada golpe do martelo, ele pensava estar terminando o trabalho. Porém, naquela mesma cruz, Satanás foi derrotado, seu poder foi quebrado. A dominação sob a qual ele mantinha o pecador cativo foi destruída pela sua própria habilidade cruel.

O poder condenatório inerente ao pecado operou o seu pior sobre o inocente Filho de Deus. A semente designada da mulher sofreu as conseqüências do pecado no lugar do pecador. Como o Senhor havia prometido quando deu início à aliança, a moedura do homem designado substituiria a ofensa ao pecador.

Entre estes dois grandes homens arquetípicos – entre Adão e Cristo – desenrola-se a longa história das duas sementes. Porque Caim "era do maligno" ele assassinou seu irmão num ataque de ciúmes (Gn 4.8; 1Jo 3.12). Mas Enoque "andou com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si" (Gn 5.24). Mais tarde, Golias, distinguindo-se como representante do homem, desafiou o povo de Deus a um combate até a morte. "Escolhei dentre vós um homem", ele exclama "que desça contra mim. Se ele puder pelejar comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer e o ferir, então, sereis nossos servos e nos servireis" (cf. 1Sm 17.8,9). Desse modo, Davi, o ungido do Senhor, aceita o desafio e destrói a semente de

Satanás. Pela fé no Deus que estava ao seu lado ele matou o gigante Golias com a sua própria espada.

A relevância contemporânea dessa mesma luta é vista na associação natural de todos os seres humanos com Satanás. Quanto a você, "andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência" (Ef 2.2). Por natureza, todos são dessa semente de Satanás, mas a graça de Deus estabelece uma animosidade contra Satanás dentro dos corações de homens e mulheres. Essa obra do Espírito de Deus continua cumprindo, hoje, o desígnio original da aliança de Deus.

O compromisso de aliança de Deus de operar a hostilidade contra Satanás nos corações de homens e mulheres em particular, apesar de sua associação natural com a causa de Satanás, é resumido em Gênesis 3. Apenas na forma de semente, mas prometendo extenso fruto por todas as eras, esse compromisso de aliança do Senhor explica o padrão da vida das pessoas hoje, quer cristãos ou não. Cada um luta com os problemas e dores associadas ao trabalho, enfermidade, nascimento, morte, casamento e comunidade. Porém, no nível mais profundo, a luta gira em torno da lealdade a Satanás ou a Deus. Em última análise, ela se concentra na luta de vida e morte entre Satanás e Cristo, a qual culminou na cruz do calvário.

Perguntas para revisão

1. Trace alguns dos passos no desdobramento das duas sementes mencionadas em Gênesis 3.15.

2. Que mudanças Deus institui na ordem do mundo em Gênesis 3.14-18?

Perguntas para discussão

1. Quais são algumas das características que marcam o comportamento de uma pessoa que é da semente de Satanás?

2. Como a luta entre as duas sementes se reflete no seu bairro ou no seu trabalho? Nos acontecimentos mundiais?

3. Qual é o maior obstáculo prático que você enfrenta ao manifestar as características da semente de Deus no seu casamento ou no seu trabalho?

4. Que atitudes você pode tomar para superar esse obstáculo?

4

PRESERVAÇÃO PARA A SALVAÇÃO

Noé: A aliança da preservação

Durante o desenvolvimento das duas sementes, Deus estabeleceu uma aliança com Noé. Quando as águas do dilúvio subiram para engolir os pecadores não arrependidos, elas simultaneamente ergueram a arca que conduzia Noé e sua família a salvos.

Deus disse que se desenvolveria uma grande luta entre as sementes. Séculos mais tarde, Jesus Cristo falaria acerca do trigo e do joio crescendo juntos no campo do mundo. Uma semente lutaria contra a outra semente pela sobrevivência (Mt 13.24-30).

Duas sementes

O primeiro filho de Adão tinha o homicídio no seu coração. Ele matou o seu irmão num ataque de ciúmes (Gn 4.8). Ele exibiu a sua natureza como a semente do diabo (1Jo 3.12). A seguir, Lameque tomou duas esposas, assassinou um homem e gritou desafiadoramente contra Deus e qualquer um que pudesse tentar um ato de vingança contra ele (Gn 4.23,24). Mais tarde houve Babel, uma antiga metrópole que procurou unir todos em rebelião. Pelo fato de Deus lhes ter dito para se espalharem pela face da terra, eles decidiram unir-se num lugar. Ali, juntos, eles podiam construir uma torre até o céu, como um símbolo de sua auto-unificação e autodeificação (Gn 11.4).

A semente de Satanás. Resistente e recalcitrante. Reproduzindo-se. Ameaçando cobrir o universo. Totalmente degenerada.

Por outro lado: *a semente da mulher*. Um produto da graça interventora de Deus, essa linhagem conduz a Cristo. O próprio Deus manteve essa semente contra todas as probabilidades. Sete, cujo nome significa "coloca-

do", foi colocado por Deus no lugar de seu irmão assassinado (Gn 4.25). A semente foi preservada.

Enoque andou com Deus, uma façanha de fato surpreendente! Ele manteve-se próximo, íntimo, em comunhão pessoal com o Criador. Enquanto o mundo ao redor estava em chamas, ele andava com Deus; e quando ele não era, ele *não era*, porque Deus o tomou para si. Tanto o corpo como o espírito foram levados porque ambos eram de Deus (Gn 5.24; cf. Hb 11.5).

Outro Lameque representou a semente da mulher, um produto da graça de Deus entre a humanidade caída. Ele teve seus tempos difíceis, suas lutas em busca de arco-íris num mundo caído. Mas Lameque tinha esperança na Palavra de Deus. Esforçando-se para manter-se vivo, ele chamou seu filho de "Descanso" (o significado de *Noé*). Em sua mente, esse filho poderia ser a semente prometida – aquele que daria alívio da maldição do trabalho penoso ao qual o mundo está condenado (Gn 5.28,29).

Em meio ao início do desenvolvimento das duas sementes, surgem Noé e sua geração. Por um lado, a decadência da semente de Satanás é numerosa nos dias de Noé. Por outro, a operação do favor de Deus na vida de Noé e de sua família exibe a determinação de Deus de continuar sua obra de salvação até surgir um novo mundo lavado pelos julgamentos justos de Deus.

Ênfases da aliança com Noé

Considere umas poucas ênfases básicas que surgem na aliança de Deus com Noé. Observe como elas se estendem até mesmo até a era presente do tratamento de Deus com os homens.

1. Observe a *conexão* entre a aliança de Deus com Noé e seus compromissos de aliança anteriores. Embora o termo *aliança* apareça agora pela primeira vez na Bíblia, o conjunto de idéias por trás do conceito de aliança de modo algum é novo. A redenção é tão ampla quanto a criação, e inclui todas as facetas da relação do homem com o mundo.

Depois de pecarem, Adão e Eva ainda tinham as mesmas obrigações para com Deus e seu mundo que antes da queda. Para que não haja engano, é dito explicitamente a Noé que ele deveria ser fecundo e crescer em número (Gn 9.1). As bênçãos e obrigações do relacionamento do casamento continuavam intactas.

De modo semelhante, é declarado que o pavor e o medo do homem cairiam sobre toda a criação (Gn 9.2). Alguma coisa está errada – o relacionamento harmonioso entre os seres humanos e o meio ambiente foi

perturbado. Uma nota de dissonância ecoa. Todavia, um eco do mandamento original de sujeitar a terra (Gn 1.26) está presente nessas palavras. No campo do trabalho, temos uma responsabilidade contínua, apesar das distorções do pecado.

Não é feita nenhuma menção explícita, na aliança de Deus com Noé, ao sábado, embora a constância de um padrão regulamentado de trabalho implique também numa regulamentação do descanso. Os padrões mais amplos do sábado e da redenção são encontrados também na esperança do pai de Noé – ele espera descanso e comemora seu sonho ao dar ao seu filho o nome de Noé (Descanso). Ele anseia descansar da luta impiedosa contra uma criação amaldiçoada. Essas implicações mais amplas do padrão do sábado aparecem na aliança de Deus com Noé.

Apesar da opressão do trabalho e das tensões do casamento, ambas as instituições devem ser vistas hoje da perspectiva da aliança. Não apêndices desajeitados e desnecessários à vida espiritual, esses elementos contribuem para a totalidade da relação do homem com Deus. Suas renovações na aliança com Noé mostram a sua importância permanente.

2. A *particularidade* da graça redentora de Deus é demonstrada na aliança com Noé. Você pode não entendê-la. Você pode até mesmo não gostar do que entendeu, mas deve aceitá-la como verdade. Dentre a massa da humanidade depravada, Deus mostra graça para com Noé e sua família. Eles experimentam as bênçãos da salvação, enquanto os demais continuam em seu caminho endurecido.

As profundezas às quais os homens e, mulheres desceram são claramente descritas no livro de Gênesis. Deus viu que a maldade deles era grande – tão grande que toda a imaginação dos pensamentos do coração do homem era unicamente má o tempo todo (Gn 6.5). O primeiro impulso, a estrutura formativa de cada pensamento do homem, era exclusivamente mau.

Mas Noé encontrou graça aos olhos de Deus. Entre a massa da humanidade indigna, Deus demonstrou a riqueza do seu favor imerecido para com esse homem em particular. Este é o significado de graça: bênção não merecida e sem razão.

Essa graça pode ter impedido Noé de descer aos níveis de devassidão encontrados entre seus contemporâneos; entretanto, era graça não merecida pelo homem em si. Noé não encontrou favor aos olhos do Senhor (Gn 6.8) porque era um homem justo (Gn 6.9). Não, a estrutura do livro de Gênesis fala contra esse tipo de conexão causal entre Gênesis 6.9 e 6.8. A frase *esta é a história de*, que inicia Gênesis 6.9, é um cabeçalho formalizado da

seção que dá início a cada uma das dez diferentes porções do livro de Gênesis e, de fato, coloca Gênesis 6.9 numa seção separada da afirmação de Gênesis 6.8. Noé encontrou graça porque graça é *graça*, não por causa da bondade inerente em Noé. Somente a graça escolhe esse homem em particular, para fazer dele o objeto do favor de Deus.

3. Observe a ênfase no *tratamento de Deus com as famílias* na aliança da redenção. Deus gosta de salvar indivíduos, homens e mulheres, meninos e meninas, do pecado e do julgamento; mas central ao coração de Deus é a reconstituição das famílias. Na aliança, a graça se estende a toda a família.

Repetidas vezes, Deus indica o seu compromisso de lidar com Noé e toda sua casa ao colocá-los na arca da salvação. "Tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos" torna-se um tema repetido, característico dessa aliança (cf. Gn 6.18; 7.1, 7, 13, 23; 8.16, 18; 9.9, 12). Noé é colocado à parte como o cabeça da família para uma posição única aos olhos de Deus.

Considere cuidadosamente o texto da Escritura: "Disse o SENHOR a Noé: Entra na arca, tu e toda a tua casa, porque reconheço que tens sido justo diante de mim no meio desta geração" (Gn 7.1). Este "tens" é singular e refere-se a Noé apenas. Porque o cabeça da casa foi considerado justo, toda a sua casa entrou na arca. Foi pela fé que Noé "aparelhou uma arca para a salvação de sua casa" e assim se tornou herdeiro da justiça que vem da fé (Hb 11.7).

Deus se deleita em salvar famílias. A estrutura básica da ordem da criação encontra a sua contraparte na redenção. Esse ponto da ordem da aliança precisa de reconhecimento especial em virtude do intenso individualismo que caracteriza a sociedade ocidental atual. Pense nisso.

4. Observe a concentração na *preservação* encontrada nessa aliança. Deus se compromete a preservar a ordem atual do mundo, de modo que a obra da redenção possa ser consumada. Época de plantio e de colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite nunca deixarão de existir enquanto durar a terra (Gn 8.22). O mundo será mantido livre de grandes perturbações como o dilúvio de Noé. Em vez disso, regularidade e ordem preservarão a raça humana e o meio ambiente.

A instituição feita por Deus das primeiras noções de governo humano autônomo, nessa aliança com Noé, apóia o tema da preservação. Pois quando a humanidade começou a expandir-se rapidamente pela superfície da terra, Deus instituiu o governo humano como um meio de restringir os princípios autodestrutivos dentro da sociedade.

Antes desse ponto, Deus havia reservado apenas para si mesmo o direito de tirar uma vida humana. Ninguém, exceto Deus, deveria ferir Caim pelo seu fratricídio (Gn 4.15). Mas nesse momento, como um meio de restringir a humanidade, Deus confia a administração da justiça aos seres humanos. Observe o paralelismo poético que intensifica a relevância desse momento quanto ao modo em que Deus lida com a humanidade:

a	Se alguém derramar	
b	o sangue do	
c	homem;	
c	pelo homem	
b	o seu (sangue)	
a	se derramará.	

Gênesis 9.6

Longe de ser simplesmente uma declaração do fato que descreve como as coisas inevitavelmente ocorrerão, esse versículo explica com precisão como Deus exigirá uma prestação de contas do homicida involuntário, quer seja ele homem ou animal (Gn 9.5). A humanidade torna-se o instrumento designado por Deus para a execução do assassino.

Os modernos sociólogos podem debater o valor repressivo da pena capital e, em diferentes décadas, chegar a conclusões diferentes. Todavia, a aliança com Noé indica que a pena capital será suficiente no lugar da própria ação de Deus da vingança temporal. Como tal, ela terá o efeito de estabelecer uma influência auto-refreadora sobre a sociedade humana. A terra será preservada mediante as restrições colocadas sobre as nossas tendências autodestrutivas.

Esses princípios auto-refreadores da aliança com Noé são expandidos na legislação posterior da aliança mosaica. Quer seja um animal ou um ser humano, a vida da criatura assassina deve ser tirada (Êx 21.28; 21.12; Nm 35.16-21). Na nova aliança, esse mesmo princípio é estabelecido. O Estado é um servo de Deus, que instila terror no coração do malfeitor. Seu poder é a espada, pela qual ele executa vingança sobre o perverso (Rm 13.1-5; 1Pe 2.13,14).

Os propósitos de Deus são sempre bons. A constante tendência de abuso de poder pelo Estado não deve depreciar o princípio básico. O propósito de Deus na aliança com Noé era preservar a terra até hoje. Uma parte vital dessa aliança é a obrigação que pertence àqueles em autoridade, quer a reconheçam ou não.

5. Uma *dimensão universalista* da aliança noética equilibra as escolhas particulares da graça de Deus tratada anteriormente. Essa aliança com Noé inclui toda a criação: cada criatura viva se beneficiou de suas bênçãos (Gn 9.10).

A dimensão universalista da aliança de Deus com Noé nos diz o que esperar no futuro. Não é que cada alma individual será salva no fim. A destruição do perverso pelas águas do dilúvio de Noé deixa esse ponto completamente claro. Mas o universo caído pode esperar reconstituição completa num dia que está por vir.

A criação inanimada como um todo se beneficiará com a redenção de homens e mulheres. Como disse o apóstolo Paulo: "A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois... a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.19-21). Na ressurreição dos corpos dos crentes em Jesus Cristo, a própria terra passará por uma mudança drástica. Por causa do pecado humano, a criação caiu sob a maldição de Deus e, por causa da bênção de Deus, a criação será renovada na ressurreição.

A dimensão universalista da aliança de Deus com Noé também tem implicações para a proclamação das boas-novas hoje. O Salmo 19 celebra a regularidade do Sol e da Lua, do dia e da noite, como um meio pelo qual a graça de Deus para com o mundo é proclamada por toda a terra. "Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite" (Sl 19.2). Embora a sua "voz" não seja ouvida, sua "linguagem" [corpo] alcança os confins da terra. Graças à regularidade do dia e da noite, como estabelecida na aliança com Noé, todos os homens e mulheres recebem o testemunho da graça de Deus.

Esse testemunho universal fornece o fundamento para a proclamação mundial do evangelho. Pelo fato de que Deus comissionou o dia e a noite, o Sol e a Lua, para proclamarem a mensagem de sua graça por toda a parte, um fundamento foi lançado para a proclamação universal do evangelho de Jesus Cristo. Cada pessoa, em toda parte, deve ouvir. Os gentios devem ouvir, visto que tanto Moisés quanto Isaías profetizaram a salvação daqueles que nunca procuraram a Deus (cf. Rm 10.19,20). Além disso, até mesmo um Israel disperso, espalhado por toda a face da terra pelo julgamento de Deus – mesmo eles devem ouvir o evangelho da salvação de Jesus Cristo (cf. Rm 10.18, citando o Sl 19).

6. Aprecie o *caráter gracioso* dessa aliança com Noé. Pesadas nuvens de chuva prediziam a destruição e a devastação, mas acima das nuvens está

o arco-íris colorido. É o arco de Deus, seu sinal de misericórdia em meio à justa condenação de uma humanidade ímpia. Não é de admirar que o arco-íris reapareça no final da Bíblia. No livro de Apocalipse, um arco-íris aparece sobre o trono de Deus (Ap 4.3). Resplandecente como uma esmeralda, ele relembra a graça de Deus para com os homens e mulheres corruptos. Desde o início até o final a graça permanece, sustentando e, finalmente, salvando os pecadores.

Os crentes em Cristo podem se sentir encorajados pelo arco-íris acima do trono de julgamento de Deus. Por meio desse símbolo, eles são assegurados da perfeita graça do imutável fazedor de alianças. Milhares de anos atrás ele fez uma aliança com Noé; pela eternidade ele se mantém fiel a essa aliança.

Perguntas para revisão

1. Reconstitua o desenvolvimento das duas sementes, de Adão até Noé.

2. Quais são as seis ênfases da aliança com Noé?

Perguntas para discussão

1. Como alguns elementos da aliança com Noé fornecem encorajamento a você? De que maneira outros servem de advertência?

2. Escreva sobre como essas advertências e encorajamentos ajudarão você a crescer ou mudar esta semana e, se possível, compartilhe com alguém.

5

"EU PROMETO ETERNAMENTE"

Abraão: a aliança da promessa

Anos haviam se passado desde que o Senhor apareceu a Abraão. Durante todo esse tempo, a fé do patriarca foi testada severamente. Deus prometera a Abraão uma terra que manava leite e mel; porém, ele não possuía um único centímetro do território designado. Deus prometera a Abraão que ele seria uma bênção para todas as nações, mas grandes pragas caíram sobre os egípcios por causa da falsidade de Abraão. Todos os ventres da casa de Abimeleque, rei de Gerar, foram fechados por causa de Sara, esposa de Abraão. É isso o que deveria ser chamado de uma bênção para as nações? Deus prometera a Abraão que a sua descendência seria tão numerosa quanto a areia da praia, todavia ele não tinha um único filho para reivindicar como seu.

Terra e um filho

Nenhuma dessas bênçãos prometidas a Abraão pode ser apreciada à parte do plano de Deus de salvar os pecadores de todas as nações. A idéia de uma terra prometida solidificou a esperança de um retorno ao paraíso. Deus não estava interessado meramente nos bens imóveis do Oriente Médio – ele queria homens e mulheres esperando por plenitude de vida!

Quando Abraão creu em Deus quanto a um filho provido sobrenaturalmente (Gn 15.6), isso significou que ele esperava que a sua descendência incluísse a semente prometida de Gênesis 3.15, a qual esmagaria a cabeça de Satanás e libertaria os homens e mulheres da maldição do pecado. Exatamente como o pai de Noé, Lameque, esperava que o seu filho fosse aquele que os libertaria da maldição sobre a terra (Gn 5.28), assim Abraão esperava, então, que o seu filho fosse aquele por meio de quem a bênção de Deus seria derramada. De que outro modo ele poderia entender a promessa de que nele seriam abençoadas todas as nações da terra?

Como posso saber?

Mas como Abraão podia *saber*? Qual era a base da certeza que ele tinha? Nada em sua experiência encorajava a expectativa do cumprimento das promessas de Deus. O cristão dos dias atuais também tem sérios problemas quanto à certeza. Se Deus prometeu uma semente piedosa, você sempre vê essa promessa cumprida em seus filhos? Se Deus prometeu abençoar o seu trabalho, por que você sempre luta com o sentido de propósito em sua vida? Se nova vida em Cristo significa vitória sobre a tentação, por que você volta tantas vezes a pecar?

Quando Deus finalmente apareceu de novo a Abraão, o patriarca praticamente agarrou a oportunidade. "Como saberei que hei de possuí-la?", foi a sua pergunta (cf. Gn 15.8). O Senhor respondeu do modo mais misterioso – pelo menos no que diz respeito aos costumes modernos. Mas Abraão entendeu desde o começo. Seguindo o procedimento da época, ele dividiu vários animais, colocou as partes ensangüentadas separadas umas das outras. A seguir, ele ficou em pé como uma testemunha solene, enquanto uma tocha de fogo e um fogareiro fumegante passavam entre as partes. "Naquele mesmo dia", diz a Escritura, "fez o Senhor aliança com Abraão" (Gn 15.18).

Qual é o significado desse estranho procedimento? Como ele pôde satisfazer o ardente desejo por certeza no coração de Abraão?

O Senhor ofereceu a certeza mais profunda possível ao fazer uso do procedimento então comum de se fazer aliança. O fato de os animais terem sido cortados e Deus passado entre as partes comprometia o próprio Senhor mediante o mais solene juramento. "Que eu seja cortado em pedaços como estes animais mutilados se eu falhar em cumprir minhas promessas", proclamava o antigo procedimento.

A arqueologia fornece paralelos elucidativos desse ritual. Segundo um texto do antigo reino da Babilônia, os homens lançavam maldições sobre si mesmos quando realizavam um ritual de cortar animais:

> Esta cabeça não é a cabeça do bode... é a cabeça de Mati´-ilu... Se Mati´-ilu [quebrar] este juramento, como a cabeça deste bode está cortada... assim a cabeça de mati´-ilu será cortada (citado em Leon Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, 1956:64).

Que maravilha – o Deus Todo-poderoso comprometer-se dessa maneira com um mero mortal! Deus podia ter jurado pelo sol ou pelo mar; ele podia ter jurado por todo o ouro ou jóias preciosas em todos os

esconderijos secretos da terra, mas nenhum desses glamorosos itens poderiam ser comparados à própria essência de Deus. Visto que não há nada maior que ele mesmo, ele jurou por si mesmo. Ele assumiu um compromisso de morte, mediante uma cerimônia solene, caso violasse uma única promessa feita ao patriarca.

Cerca de 1.400 anos depois dos acontecimentos de Gênesis 15, o compromisso de morte da cerimônia de aliança aparece novamente. O rei Nabucodonosor, da Babilônia, bate no portão de Jerusalém – o rei não tinha ido simplesmente fazer uma educada visita social. Ele bate com aríetes, determinado a subjugar a pequena nação de Judá.

O rei de Judá, Zedequias, estava certo de que as coisas nunca chegariam a isso. "Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este" era o seu canto de confiança (cf. Jr 7.4). Como o lugar da habitação de Deus poderia ser ameaçado pelos exércitos de um rei pagão? Mas Zedequias foi forçado a reavaliar. Talvez o seu povo tivesse negligenciado seus deveres na aliança. Talvez eles tivessem quebrado a lei de seu Deus e precisassem fazer correções.

Mediante a leitura pública da lei da aliança, imediatamente ficou claro que o povo tinha negligenciado a mais importante das leis estatutárias de Israel. Eles tinham deixado de libertar seus companheiros israelitas escravos no final do período prescrito de sete anos (cf. Êx 21.1,2). Então, o rei Zedequias publicou um decreto para que todos os escravos israelitas fossem libertos imediatamente. Os nobres da terra concordaram, mas não por muito tempo. Pois as esposas dos nobres não estavam acostumadas ao trabalho pesado. Elas não podiam continuar a lavar as suas próprias roupas e a buscar a sua própria água, assim eles insistiram em impor a servidão uma vez mais.

Nesse momento o profeta falou. Ele declarou ao povo as conseqüências de sua violação da aliança:

> Farei aos homens que transgrediram a minha aliança e não cumpriram as palavras da aliança que fizeram perante mim como eles fizeram com o bezerro que dividiram em duas partes, passando eles pelo meio das duas porções; os príncipes de Judá, os príncipes de Jerusalém, os oficiais, os sacerdotes e todo o povo da terra, os quais passaram por meio das porções do bezerro, entregá-los-ei nas mãos de seus inimigos e nas mãos dos que procuram a sua morte, e os cadáveres deles servirão de pasto às aves dos céus e aos animais da terra (Jr 34.18-20).

Os animais divididos, o povo passando entre as partes, aves de rapina devorando as carcaças amaldiçoadas – a conexão com a antiga visão de Abraão é clara. Embora ocorrendo 1.400 anos depois de Abraão, as imagens são idênticas. Ao violarem o compromisso da cerimônia de inauguração da aliança, o povo de Israel expôs a si mesmo a apavorantes condenações.

A vingança da aliança era imediata. O rei Zedequias fugiu do cerco de Nabucodonosor por meio de uma fenda no muro da cidade, apenas para ser capturado pelo monarca babilônico. Nabucodonosor matou os filhos do rei na presença dele e, a seguir, arrancou os olhos de Zedequias. A morte de seus filhos ficou gravada na sua memória como a última visão que ele testemunhou. Deus julga a infidelidade à aliança com grande severidade. Sua lei justa *será* mantida. Toda a história da experiência de Israel sob a aliança testemunha disso.

Aliança, não testamento

A ação de Deus de trazer tanto bênção quanto julgamento, de acordo com a sua aliança, não termina com o Antigo Testamento. Na verdade, apenas o Novo Testamento mostra completamente a consistência de Deus em agir segundo os termos da aliança. Duas passagens do Novo Testamento exibem claramente a permanente orientação pactual das Escrituras: Hebreus 9.15-20 e Lucas 22.19,20.

Em razão da distinção de seu fraseado, Hebreus 9.17 raramente é traduzido de modo que o seu significado original fique claro. Literalmente o versículo diz: "Pois uma aliança se torna firme por causa dos corpos mortos". A maioria das traduções favorece o entendimento dos versículos como se referindo à última vontade ou testamento, e sem dúvida essa interpretação tem muito apoio.

Mas o contexto desses versículos fala claramente de uma cerimônia de celebração de aliança, não de uma disposição testamentária. As palavras fazem mais sentido à luz da antiga cerimônia de se fazer aliança dos dias de Abraão. Na passagem entre as partes mutiladas, a aliança era celebrada mediante o derramamento de sangue, que simboliza que as partes que celebram a aliança estão comprometidas com a morte no caso de transgressão. A aliança não estaria completa sem esse compromisso inicial com a vida *e* a morte na celebração. Esse é o motivo pelo qual Hebreus 9.17 declara: "uma aliança só é confirmada no caso de mortos, pois uma aliança não tem efeito enquanto as partes vivem" [na versão AR: "pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador"]. Sem a representação simbólica da morte do celebrante da aliança,

a aliança não foi selada com o juramento necessário para a sua validação. Assim como um contrato, hoje, não tem valor até que seja selado mediante assinaturas, assim uma aliança do passado não tinha efeito até ser selada mediante a morte simbólica do celebrante da aliança. A aliança tornava-se, então, obrigatória e qualquer transgressão resultava em morte.

A provisão da possibilidade de substituição é característica das alianças de Deus na Bíblia. Graças a esse elemento, a morte de qualquer uma das partes podia substituir a outra. O transgressor da aliança não teria de morrer se os termos da aliança incluíssem a possibilidade de substituição.

Na idéia de uma última vontade, testamento, não há lugar para alguém substituir o testador em sua morte. Aquele que faz a última vontade e testamento deve morrer ele mesmo antes que o testamento seja ativado. Mas na estrutura da aliança, Cristo podia morrer para deixar os homens e mulheres livres das maldições que pertencem a eles como resultado de sua transgressão da aliança mosaica. Esse é o ponto central da passagem de Hebreus. Cristo morreu pelos outros como conseqüência da violação que eles fizeram da aliança, visto que "sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hb 9.22).

Uma segunda passagem do Novo Testamento que se refere à celebração da aliança encontra-se em Lucas 22.19,20. No meio da celebração da Páscoa, Jesus declara as palavras da inauguração da nova aliança. Segurando em sua mão o cálice de vinho vermelho-escuro da Páscoa, ele fala de um compromisso de sangue, o sangue da nova aliança derramado em lugar de muitos. A refeição da Páscoa da antiga aliança era uma celebração de libertação da morte e da escravidão. Salvos por causa do sangue do cordeiro espargido em seus batentes, Israel uniu-se a si mesmo e com seu Deus mediante o ritual da Páscoa no Egito. O cálice de vinho cristalizava o seu momento de alegria, por causa da fidelidade do Deus de Abraão a seu juramento de aliança concernente à sua liberdade para possuir a terra da promessa.

Na noite anterior ao derramamento do seu sangue, Jesus coloca a sua morte diretamente no curso do derramamento de sangue da aliança que corria através das eras. Seu sangue era sangue da aliança. Sua morte era como a morte do cordeiro da Páscoa. Uma pessoa inocente sofreria a morte em lugar dos culpados violadores da aliança.

Por trás do sangue do cordeiro pascal mosaico estavam as partes ensangüentadas que formavam o caminho para a consagração pactual nos dias de Abraão. Abraão viu a tocha de fogo e o fogareiro fumegante passando entre as partes dos animais divididos. Por meio desse simbolismo, Deus passou

entre as partes. Por meio de um juramento solene, ele se comprometeu a ser fiel à sua palavra. O patriarca solitário pôde "saber, com certeza" (Gn 15.13) que a sua semente possuiria a terra. Ele pôde saber disso, sem qualquer sombra de dúvida, porque Deus passou pelo corredor ensangüentado.

No final desse corredor estava uma forma que se tornou muito familiar a nós hoje. É a forma da cruz do Senhor Jesus Cristo. Deus assumiu um compromisso de morte, se isso fosse necessário, para o cumprimento de suas promessas. Abraão podia estar certo porque o Senhor fizera um juramento de automaldição. Cristo morreu na cruz porque a sua morte substitutiva forneceu o único modo de confirmar a palavra de Deus. Os pecadores não podiam ser salvos por nenhum outro modo. Se ele não morresse, todos os pecadores morreriam. Ninguém poderia possuir as promessas.

Na queda do homem, Deus comprometeu-se a levantar uma semente da mulher para esmagar a cabeça de Satanás, a serpente. Exatamente como Satanás deu um golpe contra o homem, assim o homem designado esmagaria Satanás e seu poder. Na cruz de Cristo, Satanás fez o pior que podia. Ele atacou o Filho de Deus com toda a sua força. Porém, com esse ataque contra o inocente puro, Satanás apenas destruiu a si mesmo. Os sofrimentos do Filho de Deus substituíram a morte merecida por parte dos violadores da aliança de todas as eras.

Retornando uma vez mais à antiga visão de Abraão, pode ser proposta uma questão final: Quem passou entre as partes? Quem passou pelo corredor ensangüentado? *Somente Deus passou entre as partes* – Abraão não passou. *Somente* Deus fez o compromisso de morte da aliança.

Não é de admirar que o patriarca pudesse estar perfeitamente certo de suas bênçãos. O Senhor Deus assumiu para si mesmo as obrigações de *ambas* as partes na aliança. Se Deus *ou* Abraão quebrasse a aliança – qualquer um! Em qualquer caso, o Senhor absorveria para si mesmo as maldições da aliança. A imprecação foi invocada apenas sobre o Senhor.

Então Cristo veio. Ele guardou todas as leis da aliança. Ele viveu em perfeita harmonia com cada estipulação da aliança. Porém, ele morreu. Ele sofreu as maldições da aliança. Agora, ele pode oferecer as bênçãos mais plenas da vida aos celebrantes da aliança que merecem a morte. "Tomai, comei", disse ele. "Isto é o meu corpo". E o cálice? "Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados" (Mt 26.26-28).

Dramatize a sua participação na bênção do seu sacrifício. Goze da confiança do idoso Abraão. Esteja certo de sua salvação eterna por meio do sangue da aliança eterna.

Perguntas para revisão

1. Como Deus confirmou a aliança com Abraão?

2. O que significa "cortar uma aliança"?

3. De que modo a morte de Cristo cumpre esse acontecimento/cerimônia?

Perguntas para discussão

1. Como uma pessoa pode se assegurar de que Deus a ama e providenciou um modo de salvação para ela?

2. Como você resolve a questão da certeza em sua vida? Quais os obstáculos que as pessoas encontram ao buscar a certeza?

3. De que maneira a Ceia do Senhor é designada para assegurar você do caráter redentor do amor de Deus por você?

6

UM SELO PARA A PROMESSA

Uma entrada (o pagamento inicial) – uma assinatura reconhecida – um aperto de mão – um beijo. Qualquer uma dessas ações pode selar uma promessa. Um homem é tão bom quanto a sua palavra, mas é bom que haja uma ação para selar o acordo transmitido pela palavra.

Então Deus também encontrou um modo de garantir. Devemos saber que a palavra de Deus é boa. Ele não pode mentir. Contudo, a fraqueza – a debilidade – da fé humana acolhe de boa vontade um ato de garantia.

Um sinal permanente

As circunstâncias iniciais que introduziram um selo para a promessa da aliança de Deus também revelam uma necessidade. Abraão testemunha uma das revelações divinas mais espetaculares registradas na história humana. Deus passou por entre as partes, comprometendo-se a se autodestruir, se necessário, para o cumprimento da promessa de salvação do homem (Gn 15). Que representação mais dramática do compromisso do Senhor poderia ser imaginada?

Porém, no capítulo seguinte de Gênesis, Abraão recorre a Hagar, sua criada, numa tentativa de alcançar o cumprimento da promessa divina. Abraão presumiu que poderia fazer as coisas por si mesmo em vez de esperar que Deus cumprisse a palavra que ele havia dado. Esse deslize na fé do patriarca mostra a necessidade de um sinal mais permanente. Uma visão dura apenas uma noite e então se desvanece. Era necessário algo que deixasse um sinal duradouro.

Em Gênesis 17 Deus institui um selo para a promessa. Ele começa recapitulando tudo que fará por Abraão de acordo com a aliança (vs. 6-8):

> ele tornará firme sua aliança eterna;
> ele incluirá os descendentes de Abraão na aliança;
> ele será Deus para Abraão e sua semente;
> ele dará a terra para Abraão e sua descendência.

Todas essas coisas Deus fará em favor do patriarca, mas o que Abraão fará? O Senhor é totalmente direto: "Tu..." (v. 9). O Senhor aponta o seu dedo para Abraão porque ele também terá algumas áreas de responsabilidade.

"Você deve guardar a minha aliança." Junto com as garantias da aliança vem uma ordem inequívoca. O selo que agora é estabelecido por Deus deve ser aplicado. Todo macho em Israel será circuncidado aos oito dias de vida. É sugerido com freqüência que a inclusão de crianças na aliança leva à presunção, mas a palavra original de Deus, que estabelece o selo dessa aliança, aponta claramente na direção da responsabilidade pessoal.

A guarda da aliança é uma parte essencial da estrutura da aliança. Abraão e sua descendência (v. 9) devem guardar a aliança. Longe de favorecer a presunção, a aplicação do selo da aliança nas crianças as compromete à fidelidade em manter os votos pelos quais elas são obrigadas na aliança. Se uma criança selada pela aliança falha ao responder em obediência, ela não pode presumir que receberá as bênçãos da aliança.

Não seja supersticioso. Não pense que o próprio selo da aliança de Deus tem poder para salvar. Sabe-se de avós que entraram num hospital, contra a vontade dos pais, para batizar uma criança com uma doença fatal. Eles eram supersticiosos, pensavam que o batismo em si tivesse poder para salvar. Tenha cuidado com a superstição.

Todo macho com oito dias de vida deveria ser circuncidado. A responsabilidade de fidelidade para com a aliança de Deus não deve ser negligenciada. "Esta é a minha aliança", diz o Senhor, referindo-se à circuncisão (v. 10). A identificação mais próxima possível é estabelecida entre o selo e a aliança. Os dois estão tão intimamente relacionados que se pode dizer que o selo é a aliança e a aliança é o selo. "Circuncidareis... será isso por sinal de aliança" (v. 11). A palavra usada para "sinal" inclui a idéia tanto de *representar* quanto de *selar* um compromisso. Como um sinal, a circuncisão oferecia um sinal para o mundo. A purificação higiênica da circuncisão significava a purificação necessária para a consagração a Deus.

Um selo permanente

Porém, a circuncisão também selava uma pessoa na realidade da purificação que simbolizava? A circuncisão era sempre eficaz ao confirmar que uma pessoa tinha a posse da purificação que representava? Essas questões devem ser respondidas a partir de duas perspectivas.

1. A circuncisão era sempre eficaz ao transmitir uma mensagem para o mundo. Ela sempre significou a necessidade da purificação do pecado.

Ao mesmo tempo, ela também introduzia eficazmente uma pessoa na membresia da comunidade externamente constituída da aliança. Esses aspectos do ritual da circuncisão não devem ser minimizados. Pela circuncisão, um testemunho era dado ao mundo, e uma pessoa era selada em sua comunhão com a comunidade organizada da aliança.

2. Além disso, o sinal da aliança tinha significado especial para aqueles escolhidos por Deus para a possessão da vida eterna de acordo com o mistério da sua própria vontade. A circuncisão era efetiva ao selá-los em consagração a Deus conforme ministrado pelo Espírito. Se essa pessoa nasceu ou não novamente do Espírito de Deus na época de sua circuncisão, ela estava, pela circuncisão, selada na possessão certa da *promessa* de Deus. Aquele que foi designado por Deus para a salvação eterna antes da fundação do mundo foi selado pela circuncisão na certeza da possessão final das promessas.

Esses mesmos princípios se aplicam ao batismo na nova aliança. A cerimônia sempre sela uma pessoa na membresia da comunidade organizada da aliança, a igreja. Porém, para o eleito de Deus, ele também os sela na possessão final das realidades associadas à consagração a Deus, incluindo a purificação e o perdão de pecados.

"O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho", diz a Escritura quando especifica o recebedor do selo da aliança (v. 12). Contrária à prática geral dos dias de Abraão, a circuncisão nessa aliança não era sinal de entrada na virilidade. Ao contrário, era o sinal formal de membresia na comunidade da aliança.

"Será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro" (v. 13). Desde o início, desde o primeiro dia de sua formação como uma comunidade da aliança, a membresia de Israel estava bem aberta para os gentios. Desde o início, Israel nada sabia sobre pureza racial. A circuncisão não era um emblema reservado para o povo de certa descendência étnica, ela estava disponível aos homens de todas as nações. Esse fato continua a ter um papel significativo em qualquer esforço de identificar o Israel de Deus, mesmo nas circunstâncias atuais. Desde o início, o povo de Deus, Israel, podia incluir em sua membresia pessoas de qualquer nação do mundo.

"O incircunciso... essa vida será eliminada do seu povo" (v. 14). A maldição de ser eliminado do povo de Deus não é descritiva do circunciso, como se a cerimônia selasse uma pessoa para a maldição, não para a bênção. Em vez disso, a maldição é proferida sobre qualquer pessoa na comunidade da aliança que negligenciasse a ordem da circuncisão. Ao mesmo tempo,

uma maldição dupla paira sobre aqueles que recebem o sinal externo da purificação enquanto ainda não se arrependeram de seu pecado. Em virtude do privilégio especial, uma responsabilidade final diante de Deus deve estar envolvida. Quer fossem circuncidados quando crianças ou adultos, a responsabilidade associada à circuncisão estava clara diante do Senhor. Do mesmo modo que a sua carne recebia o sinal da purificação, o seu espírito deveria mostrar pureza.

Famílias e fé

Esses versículos de Gênesis 17, que estabelecem o selo da aliança de Deus, fornecem muitos discernimentos sobre a natureza do modo em que Deus lida com os seres humanos. Uma compreensão mais completa sobre a fé bíblica pode ser alcançada ao se considerar várias verdades.

1. A descendência física não é suficiente para se tornar verdadeiro filho de Deus. Para estar selada, numa relação de aliança redentora com Deus, uma pessoa deve passar por uma cerimônia de purificação. A circuncisão deveria ter sido uma fonte de humildade para os descendentes de Abraão, uma vez que ela testificava da necessidade de purificação da corrupção do pecado. Muito facilmente, ela passou a ser considerada como um indicador de que o povo de Israel de alguma maneira era melhor que outros.

O mesmo se aplica ao batismo hoje. A experiência do batismo deveria levar uma pessoa ao ponto de confessar o seu pecado, a sua indignidade, a sua necessidade de purificação diante de Deus. Quando o batizado pensa em si mesmo como melhor que os outros, ele desvirtua o significado básico do ritual.

2. Deus lida com famílias nos compromissos da aliança. A ordem criada das famílias não é ignorada nas provisões redentoras de Deus. Ele se comprometeu a restaurar as unidades familiares em seu plano de redenção.

Certamente não é apropriado confiar na descendência natural como base de redenção. Porém, Deus, em sua obra da redenção, não coloca a natureza contra a graça, a ordem familiar da descendência contra a ordem espiritual. Está claro que não se deve confiar em qualquer suposto mérito que possa estar vinculado à descendência física, como garantia de aceitação diante de Deus. Contudo, um crente em Cristo deveria confiar nas promessas de Deus acerca da redenção dos descendentes.

3. A circuncisão simbolizava a inclusão na comunidade da aliança. Não era meramente um sinal de identidade nacional. Ao contrário, ela se relacionava com o coração da aliança; "para ser o teu Deus e da tua descendência" (Gn 17.7).

Tanto a circuncisão quanto o batismo foram dados por Deus como sinais e selos da aliança da graça. Em sua aplicação, eles unem indivíduos e famílias aos privilégios e responsabilidades de estarem em aliança com Deus. Como sinais e selos, elas tencionam fornecer uma fonte de garantia para o povo de Deus de que pertencem ao Senhor. Quando ligados à fé, eles confirmam que uma pessoa possui as bênçãos da aliança.

Perguntas para revisão

1. Mencione meios pelos quais as pessoas selam uma promessa.

2. O que é característico no selo que Deus deu a Abraão? (Gn 17)

3. Que paralelos você pode ver entre o sinal e o selo do Novo Testamento que substituiu o selo dado a Abraão?

Perguntas para discussão

1. Como o batismo ajudou sua fé e sua habilidade de ser pai ou mãe (se esse for o seu caso)?

2. O que você diria aos pais de um jovem, batizado na infância, que está com 18 anos de idade e que ainda não creu no evangelho?

7

ESPERANÇA PARA A SUA FAMÍLIA

Não pode haver dúvida de que os filhos daqueles que professaram fé no Deus de Abraão receberam o selo da aliança. Abraão recebeu uma ordem específica: aos oito dias de idade, a criança deveria receber o sinal e o selo da circuncisão. Essa ordem vigorou por dois mil anos, desde os dias de Abraão até os dias de Jesus Cristo.

O que a circuncisão significava para as crianças da antiga aliança? Para elas, ela significava o mesmo que para os adultos. Quer crianças quer adultos, a circuncisão os selava na membresia do povo de Deus externamente constituído. Ao mesmo tempo, se a pessoa que recebia a circuncisão era eleita de Deus, ela também o selava na posse, mais cedo ou mais tarde, das promessas espirituais da aliança. O corte do prepúcio mediante a circuncisão era um ato simbólico de purificação. Ele representava a eliminação da natureza pecaminosa. Quer fosse um crente regenerado ou não naquela ocasião, o ato da circuncisão ainda selava o escolhido do Senhor na posse final da purificação espiritual.

Está também claro que o povo da antiga aliança de Deus praticou o que poderia ser chamado, no linguajar moderno, "circuncisão do crente". Qualquer gentio que confessasse o Deus de Israel receberia o sinal da circuncisão. Quanto a isso, é interessante observar que o povo da antiga aliança de Deus era mais rigoroso em suas exigências de evidências da validade da fé do que o geralmente praticado nas igrejas atuais. A confissão que levava à circuncisão deveria ser confirmada pela vida, não apenas uma vez, mas consistentemente depois.

Se uma pessoa circuncidada cometesse idolatria, ela deveria ser morta, cortada do povo de Deus. Se uma pessoa circuncidada sussurrasse ao seu vizinho, "Vamos após outros deuses", ela deveria ser morta – cortada do

povo de Deus. Muito mais do que a prática normal da igreja atual, o povo de Deus sob a antiga aliança se esforçava para verificar que somente verdadeiros confessores continuassem na aliança. Eles praticavam a circuncisão dos confessantes no melhor sentido possível. No entanto, eles circuncidavam crianças!

Bebês também

Por que também crianças?

1. Porque Deus o ordenara.

2. Porque Deus disse que as crianças faziam parte da aliança.

3. Porque eles a compreendiam como um meio de bênção para si mesmos *e* para seus filhos.

4. Porque eles reivindicavam o propósito de Deus de restaurar famílias em sua obra de redenção.

Essa era a prática da antiga aliança. Durante dois mil anos o povo de Deus entendeu a sua aliança como incluindo as suas famílias.

A essência da aliança, pela qual homens e mulheres são salvos hoje, é a mesma da deles. A aliança que une pecadores a um Deus santo está fundamentada no sangue da aliança eterna, derramado por Cristo antes da fundação do mundo. Ele foi o sacrifício real que tornou aceitável as ofertas do povo da antiga aliança.

Os sinais e, selos da antiga e da nova aliança são, também, iguais em essência. Como diz Colossenses 2.11,12:

> Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo.

Ao serem sepultados com Cristo no batismo, vocês são circuncidados. Assim diz a Palavra de Deus. É difícil imaginar um modo de expressão que estabelecesse uma conexão mais íntima entre duas cerimônias religiqsas que a indicada nesses versículos. A circuncisão da antiga aliança era, em essência, equivalente ao batismo da nova aliança. E, por ser assim, você pode encontrar esperança para a sua família. Assim como os filhos dos crentes eram incluídos na comunhão da antiga aliança, do mesmo modo eles são incluídos hoje.

Famílias da nova aliança

Essa esperança é reforçada ao considerarmos a prática concreta de aplicar o selo do batismo da nova aliança. Dez passagens do Novo Testamento falam de batismos sob várias circunstâncias. O padrão estabelecido nesses batismos fornece esperança para a sua família, pois eles indicam que você pode reivindicar, pela fé, que seus filhos pertencem a Deus por meio da aliança.

1. Atos 2.38,39: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar". Como as pessoas que ouviram o sermão de Pedro no dia de Pentecoste entenderam essa declaração acerca de seus filhos? A pergunta pode ser respondida, em parte, ao considerarmos que tipo de instalações existia para as crianças no dia de Pentecoste.

Não *havia* instalações separadas para as crianças. As crianças eram consideradas como uma parte vital da comunidade que adorava (cf. Dt 29.11; Js 24.15). Por dois mil anos, as crianças estiveram *na* aliança, tendo recebido o sinal da aliança. As crianças deveriam então ser lançadas fora da aliança? Tendo começado o dia de Pentecoste com as crianças inclusas nas promessas pactuais de Deus, aqueles que creram no sermão de Pedro estariam, no final do dia, com seus filhos fora das promessas da aliança? A garantia de Pedro de que a promessa era "para vossos filhos" declara o oposto. Elas estavam na aliança com seus pais que creram.

2. Atos 8.12: "Quando, porém, deram crédito... iam sendo batizados, assim homens como mulheres". Isso responde à questão das mulheres na nova aliança. Nesse caso, as mulheres são especificamente indicadas como recebendo o sinal da aliança. Talvez você tenha se surpreendido acerca do lugar das mulheres na antiga aliança. Elas foram omitidas porque não recebiam o sinal da circuncisão? Não, elas não foram omitidas. Mediante a circuncisão do pai ou esposo de uma mulher, ela era incluída na aliança.

O fato de as mulheres serem especificadas como recebendo o sinal da nova aliança indica que os laços de família não atuavam mais com respeito ao sinal da nova aliança? Não – o novo lugar das mulheres como beneficiárias do selo da aliança é totalmente apropriado, em vista do fato de que o estado eterno é mais íntimo agora do que era sob a antiga aliança. Na eternidade, homens e mulheres não se casam nem se dão em casamento. Essa proximi-

dade do estado eterno do mundo encontra uma representação simbólica na inclusão das mulheres na aliança como pessoas distintas.

Mas nada nessa passagem indica que Deus também não estava continuando a agir em unidades familiares sob as provisões da nova aliança. Visto que o casamento e a família permanecem, as promessas da aliança também permanecem. O enriquecimento do simbolismo da nova aliança não implica perda de nenhuma das bênçãos da antiga.

3. Atos 8.38: "Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco". Mediante o batismo do eunuco etíope é respondida a questão acerca da inclusão de um homem solteiro, sozinho, na nova aliança. Esse estrangeiro pode ser incluído na aliança também? Sim! À parte dos laços familiares anteriores, um completo estranho pode juntar-se à família da aliança de Deus.

4. Atos 9.18: "Imediatamente, lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver. A seguir, levantou-se e foi batizado". O que dizer de um inimigo do evangelho? Um perseguidor da fé pode ser introduzido na comunhão da aliança? De fato pode! O maior inimigo do povo de Deus pode ser transformado, batizado e comissionado como o maior missionário de todos os tempos.

5. Atos 10.2, 44, 48: "[Cornélio] piedoso e temente a Deus com toda a sua casa... caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra... E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo..." Agora, claramente está envolvida uma situação familiar. É dito que toda a casa de Cornélio era piedosa e creu no evangelho. A família não é explicitamente mencionada na ocasião do batismo, mas a implicação é clara. Uma família gentílica, que inclui adolescentes barulhentos (assumindo que alguns podem ter estado presentes) é selada na posse da promessa da nova aliança. Como em Israel do passado, a aliança é feita com toda a casa.

6. Atos 16.14, 15: "... o Senhor lhe abriu o coração [de Lídia] para atender às coisas que Paulo dizia. Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou, dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai". Agora a situação é ainda mais diferente: uma mulher é batizada. Nesse caso, ela parece ser o cabeça de sua casa e não é feita menção ao marido. Mais especificamente, a Escritura diz que ela creu e que ela e sua casa foram batizadas. Seus filhos creram? A Escritura nada diz a esse respeito.

O fato importante a ser observado é que o batismo foi pela família. Lídia agiu como o cabeça representativo de sua família. Sem nos valer do argumento a partir do silêncio, podemos afirmar que o padrão formado para os batismos da nova aliança é o de um batismo de família, seja o que for que isso signifique. Nesse caso, é dito que Lídia creu, mas toda a sua casa foi batizada.

7. Atos 16.31-34: Uma tradução literal do versículo 31 ficaria como segue: "Você [singular] creu... e você [singular] será salvo, você [singular] e sua casa". O versículo soa muito parecido com as palavras de Pedro no Pentecoste. Porém, aqui é usada a palavra *casa* em vez de *filhos*, sugerindo uma alusão mais específica à inclusão da família na antiga aliança na aplicação do selo da aliança.

"E lhe pregaram a palavra de Deus *e a* todos os de sua casa" (v. 32). Aqui está sendo declarado que Paulo falou a ele *e* a todos os outros em sua casa. Uma leitura mais literal do melhor texto afirma que Paulo falou a ele *com* toda a sua casa. A diferença é pequena, mas de alguma relevância. Havia um bebê nos braços do carcereiro? A passagem nada diz. Porém, uma vez mais Paulo e Silas tratam com a casa, a família.

"Naquela mesma hora da noite... A seguir, foi ele batizado, e todos os seus... e, com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus" (vs. 33,34). A palavra traduzida por "com todos os seus" é um advérbio, que pode modificar um verbo ou outro advérbio. Porém é muito estranho tratar um advérbio como se fosse o sujeito de um verbo. A tradução da NVI [em inglês – n.r.] faz esse único advérbio servir de sujeito para dois verbos separados: "A *família toda* ficou cheia de alegria, porque *eles* tinham crido" (ênfase acrescentada). Porém, de fato, as partes da sentença são: verbo singular ("ele regozijou-se"), advérbio modificante ("com todos os seus") e particípio singular modificante ("tendo ele crido") [obs.: é esse exatamente o entendimento da NVI na sua versão em português, que traz: "e com todos os de sua casa alegrou-se muito por haver crido em Deus" – n.r.].

O carcereiro recém-convertido jogou um bebê para cima como expressão de alegria por causa da sua fé recém-encontrada? É isso o que significa manifestar grande alegria com todos os seus? A passagem não é explícita. Porém, está claro que o batismo de família foi a prática dos apóstolos com relação ao carcereiro filipense.

8. Atos 18.8: "Mas Crispo... creu no Senhor, com toda a sua casa; também muitos dos coríntios, ouvindo, criam e eram batizados". Nesse caso, é especificamente afirmado que toda a casa de Crispo creu juntamente com ele. Crianças mais velhas creram, e todas elas foram batizadas. Esse fato em si mesmo é uma maravilha da graça de Deus e não deveria ser ignorada. Toda a família estava alegremente unida na fé.

9. Atos 19.5-7: "Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus... [eles] falavam em línguas... Eram, ao todo, uns doze homens". Na cidade predominantemente gentílica de Éfeso, ocorre um mini-Pentecoste. Durante o batismo, doze homens (como os doze apóstolos originais em At 2) falam em línguas estranhas. Seguindo o padrão de "Jerusalém, Judéia, Samaria e os confins da terra", o derramamento do Espírito em Éfeso representa a circunferência externa da extensão da cobertura do mundo pelo evangelho. Esse derramamento do Espírito sobre doze homens parece ecoar intencionalmente os eventos do Pentecoste e marcar a prosperidade do evangelho no mundo gentílico.

10. 1 Coríntios 1.14, 16: "Dou graças [a Deus] porque a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio... também a casa de Estéfanas". Novamente é feita referência a um batismo de família. Embora sejam designados indivíduos como os que recebem o batismo, toda uma família também é incluída.

Quando consideramos as ocorrências de batismo na nova aliança, aparece uma maravilhosa diversidade. Primeiro uma grande multidão de judeus é batizada. A seguir, é dito especificamente que mulheres foram incluídas. Então um homem solteiro. Depois, uma família gentílica. A seguir, uma mulher como o cabeça de sua casa, juntamente com a sua família. Então toda uma família de crentes. Depois os doze homens de Éfeso. Quase todos os tipos de casos imagináveis são descritos. Judeus e gentios, jovens e idosos, solteiro e casado, homens e mulheres.

Ainda outro padrão que surge com grande regularidade claramente deveria dar "esperança à sua casa". Dos dez exemplos registrados, seis se referem explicitamente a crianças ou a famílias: Pentecoste, Cornélio, Lídia, o carcereiro filipense, Crispo e Estéfanas. Dos quatro exemplos restantes, dois dizem respeito a solteiros que não *tinham* casa (Paulo e o eunuco etíope). O caso dos doze homens de Éfeso parece ser uma circunstância especial, que enfatiza a repetição dos princípios do Pentecoste.

Desse modo, em seis dos sete casos na nova aliança, em que pode ter sido antecipado o batismo de uma família, o fato do batismo da família é

explicitamente mencionado! O objetivo é claro: Deus está interessado em redimir famílias, não meramente indivíduos. Para mostrar o seu interesse, ele inclui unidades familiares na sua aliança. De fato, não é explicitamente declarado que crianças estavam presentes em qualquer uma das famílias mencionadas; mas o fato claro da prática batismal da nova aliança é que era de acordo com as famílias.

Esperança para as famílias de hoje

A prática explícita nos dois mil anos da mesma aliança de redenção, desde Abraão até Cristo, fornece o fundamento histórico para essa prática de batismo de família da nova aliança. As famílias de Abraão, Moisés e Davi foram providas com o mesmo modo de redenção por meio do sangue de Cristo; e cada uma das alianças sucessivas menciona explicitamente a inclusão dos filhos. A profecia de Jeremias a respeito da nova aliança também fala do compromisso permanente de Deus em redimir famílias (Jr 31.31, 33).

Há esperança para a sua família. As promessas são para você e sua família. Quando você se submete ao batismo e leva os seus filhos para serem batizados, você reivindica, pela fé, as promessas da aliança de Deus. À medida que você e seus filhos responderem, em fé, à graça de Deus, vocês verão a plena manifestação de sua graça ao redimir um povo para si mesmo.

Perguntas para revisão

1. Onde o livro de Atos se refere a batismos de famílias?

2. Que esperança é oferecida à sua família pelo ensino bíblico sobre o batismo?

Perguntas para discussão

1. Descreva como você imagina que as famílias, em Atos 2.38,39; 10.2,44, 48; 16.14,15; 16.31-34; 18.8; 1 Coríntios 1.14, 16, adoravam e falavam sobre as coisas espirituais. Pense na sua própria experiência, história espiritual, características distintivas, etc.

2. Que novas idéias sobre como a sua família deveria se relacionar com Cristo são sugeridas pelo que você aprender neste capítulo?

8

PRECEITOS E PROBLEMAS

Moisés: a aliança da lei (I)

A lei cria problemas. Introduzir a categoria da lei na aliança invariavelmente suscita controvérsia. Uma coisa é falar acerca das perfeições da unidade com Deus, da comunhão com o Criador, da harmonia na aliança; outra coisa é falar sobre regras, requerimentos, deveres ou mandamentos. A própria menção dessas restrições quebra o sentido de comunhão confortável com o Criador.

A lei fala de padronização, de conformidade a uma norma exterior. Nas mentes de muitos, ela implica coerção. Porém, *aliança* sugere relacionamento, confiança e amizade. A própria idéia de uma aliança da lei parece imprópria. Todavia, aqui está ela – a aliança da lei.

O papel da lei na vida do homem sempre gerou controvérsia. No presente, bem como nas gerações anteriores, lei significa dificuldade. Entre pessoas igualmente dedicadas, bem-intencionadas e dotadas, o tema da lei freqüentemente gera mais ardor que luz. Porém, é inquestionavelmente verdade que a única aliança na Bíblia que recebe a elaboração mais completa é a aliança da lei mosaica. O tema simplesmente não pode ser evitado, o que deve significar que Deus não quer que o seu povo evite este assunto.

Como introdução, relembre que a idéia de aliança é mais ampla que o conceito de lei. Aliança pode incluir todos os aspectos da lei; mas a lei, como uma categoria, não pode exaurir todos os vários elementos da aliança.

A lei pode ser compreendida tanto como um retrato quanto como um espelho. Como um retrato, a lei esboça as características da imagem de Deus à qual o homem deve se conformar. A lei desenha um quadro do Criador de modo que o homem possa ver claramente a forma daquele com quem ele deve ter comunhão. Somente quando for alcançada a conformidade a essa forma é que será possível a comunhão.

Ao mesmo tempo, a lei serve como um espelho. A lei capacita-nos a ver a nós mesmos como realmente somos, e a comparar-nos com a forma à qual devemos nos conformar. Se estiverem presentes deformações ou aspectos deformados da personalidade, o espelho da lei tornará aqueles pontos dolorosamente óbvios a nós.

Um problema inerente, associado com a revelação da lei na aliança, é chegar a um equilíbrio entre a padronização e a individualidade. A lei fornece uma estrutura básica para o homem ou para a mulher que pretende se conformar à imagem de Deus. Porém, por causa da singularidade de cada indivíduo e sua relação particular com o Criador, a lei não pode definir todos os detalhes da obrigação de cada pessoa com o Criador em suas categorias universais.

Um dos maiores problemas para as pessoas em aliança com Deus é encontrar o equilíbrio entre a coação dos princípios da lei e o reconhecimento das liberdades individuais. Esta questão do equilíbrio é complicada pelo desdobramento progressivo das expectativas legais do Deus da aliança. No processo da revelação da lei na Escritura, permanentemente os princípios duradouros da vontade de Deus estão envolvidos na legislação temporária que deve desaparecer num estágio posterior. Distinguir entre o núcleo permanente da lei de Deus e a casca condicionada temporariamente é o desafio supremo para a pessoa que quer entender a vontade de Deus.

A lei é especial

Tem-se a tentação de colocar a lei mosaica contra a promessa abraâmica. Um ponto de vista popular sugere que Israel não deveria ter aceitado tão temerariamente as provisões da aliança da lei mosaica no Monte Sinai. Em vez disso, a nação deveria ter pleiteado humildemente um longo período sob as graciosas provisões da aliança da promessa abraâmica.

Quanto a isso, é fácil ler algumas das afirmações do apóstolo Paulo como se pretendessem apresentar a aliança de Moisés como sendo diametralmente oposta à aliança de Abraão, pois ele declara explicitamente, "a lei não procede da fé" (Gl 3.12). Se o contexto não for considerado, essa declaração parece proclamar que a lei nada tem a ver com a promessa recebida pela fé.

Um esquema comum para as três alianças sucessivas no Antigo Testamento é:

Abraão – uma aliança de promessa incondicional;
Moisés – uma aliança de lei condicional;
Davi – uma aliança de promessa incondicional.

Essa perspectiva popular da aliança da lei mosaica requer atenção cuidadosa. Está em jogo a questão maior da relação atual dos crentes da nova aliança com cada uma dessas alianças antigas.

Algum esforço deve ser feito para se apreender a essência da aliança mosaica pelo que ela é em si mesma. Afinal, apesar de todas as objeções à lei, a aliança mosaica representa uma fase importante na revelação redentora de Deus ao homem em seu pecado. De modo específico, a característica distintiva da aliança mosaica pode ser definida como "um resumo externo da vontade de Deus". Sua contribuição única ao progresso da revelação é que ela sumariza, de maneira breve, a vontade santa de Deus para os homens.

O registro mosaico do Sinai em si apóia esta análise. As "dez palavras" (os Dez Mandamentos) são referidas como as palavras da aliança (cf. Êx 34.28; Dt 4.13). Embora uma revelação mais extensa que os Dez Mandamentos tenha sido comunicada no Sinai, as dez palavras podem ser equiparadas à aliança em si.

A distinção desse novo estágio no progresso da revelação de Deus deve ser reconhecida. Nunca antes Deus expusera explicitamente, num sumário tão claro, o padrão de vida ao qual ele esperava que os homens se conformassem. Essas leis sempre estiveram presentes como verdades eternas, mas elas nunca foram colocadas de modo tão claro. Pelo fato de que esses Dez Mandamentos se originaram da natureza do próprio Deus, eles eram tudo menos máximas construídas arbitrariamente, que foram repentinamente introduzidas pela primeira vez no Sinai.

Deus sempre foi espírito e, portanto, poderia ser insultado apenas pela edificação de um ídolo. Então, ele ordenou: "Não farás para ti imagem de escultura". Desde a criação, ele santificou o dia de sábado, convidando o homem a refletir o seu padrão de trabalho e descanso. Assim, ele ordenou: "Repouse no sétimo dia".

Cada um dos Dez Mandamentos tem origem na natureza de Deus, mas apenas no Sinai eles foram resumidos de um modo tão aperfeiçoado. Embora essas leis morais de Deus fossem inerentes à imagem de Deus no homem desde a época de sua criação, as corrupções do pecado obscureceram a clareza dessas leis. No Sinai, a vontade de Deus para o homem, feito à sua imagem, torna-se novamente clara.

Uma vez que esse evento da revelação ocorreu, o mundo nunca mais poderia ser o mesmo. A todos aqueles a quem essa lei é proclamada, imediatamente traz a responsabilidade de uma prestação de contas final ao seu Criador e nunca podem alegar inocência diante da lei novamente. Os homens podem ser dirigidos pela lei ao desespero, mas eles não podem alegar inocência.

Ao considerar o caráter convencedor da revelação da lei de Deus na aliança mosaica, uma confusão básica deve ser evitada. A aliança da lei mosaica não deve ser confundida com a aliança de obras original, feita com Adão, o homem original, enquanto ele ainda estava em sua inocência. Na circunstância original de homem inocente e sem pecado, não foram oferecidas provisões para bênção no caso de desobediência. Se Adão quebrasse a lei de Deus ele morreria: nenhuma promessa de ajuda jamais foi sugerida. Porém, a circunstância histórica da aliança mosaica era completamente diferente. Deus já tinha redimido Israel do julgamento de morte pelos seus pecados mediante o sangue do cordeiro pascal. Eles já tinham experimentado a bênção de Deus apesar do seu pecado.

Com o código de lei houve a provisão de sacrifício no caso de pecado. Sob a aliança mosaica, foi presumida a transgressão da lei e a provisão para o perdão foi graciosamente fornecida. É uma distorção legalista do propósito e conteúdo da aliança mosaica que transforma essa disposição graciosa numa aliança de obras. A aliança da lei sob Moisés e a promessa de redenção sob Abraão andam de mãos dadas porque *ambas* manifestam a vontade graciosa de Deus de redimir.

A lei que veio sob Moisés não anulou e nem interrompeu a promessa feita a Abraão. Ambas trabalham juntas como uma unidade básica. Ambas servem ao mesmo fim de levar o homem caído à redenção. A distinção básica da aliança da lei mosaica concorda com a aliança da promessa abraâmica. Ambas as alianças combinam para preencher o quadro de um gracioso plano de Deus para redimir os homens pecadores.

Ainda precisamos da lei

Qual é o lugar da aliança mosaica hoje? A Bíblia não ensina que não estamos mais debaixo da lei, mas da graça (Rm 6.14)? De fato é assim! Porém, o que significam as palavras? Certamente "não estais debaixo da lei" não significa que você pode roubar, matar, mentir, desonrar seus pais e blasfemar de Deus, não é? É claro que não!

É mais provável que Paulo esteja se referindo à sua guarda pessoal da lei, em como ela se relaciona com ser encontrado legalmente justo diante de Deus. Você não tem de guardar a lei de Deus perfeitamente por si mesmo a fim de ser declarado inocente. Se esse fosse o caso, quem poderia ter esperança?

A lei tinha de ser guardada – e Jesus Cristo guardou a lei *por* você e por todos aqueles que confiam em sua graça para a salvação. Porém, você não está sob a obrigação de guardar a lei de Deus por suas próprias forças a fim de ser encontrado legalmente justo diante de Deus.

Ao mesmo tempo, a lei de Deus continua tendo relevância para a sua vida diária. Considere três meios pelos quais é óbvio que você deve viver de acordo com a lei de Deus *exatamente porque* você é um cristão perdoado:

1. O estágio mais completo de bênção na vida do cristão vem de guardar a lei de Deus. Este ponto é ilustrado especificamente com respeito ao quinto mandamento. Segundo Paulo, os filhos cristãos deveriam obedecer a seus pais porque esse "é o primeiro mandamento com promessa" (Ef 6.2). A longevidade na terra é prometida por Deus àqueles que honram seus pais. Essa bênção está reservada para os obedientes.

Jesus declarou explicitamente que ele não veio para destruir a lei ou os profetas, mas para cumprir suas exigências. Ele declarou mais, que aquele que quebra um dos menores mandamentos da lei será considerado o menor no reino de Deus (Mt 5.17-19). Ele insistiu que o homem sábio deve construir a sua vida sobre o firme fundamento da guarda dos mandamentos de Deus. Somente esse tipo de vida experimentaria a bênção da estabilidade (Mt 7.24-27).

É um privilégio conhecer a lei de Deus como ela foi revelada nos Dez Mandamentos. Sua vida experimentará a bênção mais completa na medida em que você guardar a lei de Deus.

2. Punição virá àqueles que violarem a lei de Deus. É óbvio que Israel se metia em dificuldades toda vez que negligenciava a lei de Deus. Sempre que eles se entregavam à luxúria no deserto, eles sofriam punição da parte do Senhor. Quando eles edificavam ídolos como as outras nações, eles eram levados para o cativeiro.

O mesmo princípio age entre os cristãos da nova aliança. "O Senhor corrige a quem ama" (Hb 12.6) se refere a uma experiência comum dos santos da antiga e da nova aliança. Na experiência dos cristãos de Corinto, punição severa veio da parte do Senhor quando alguns dentre eles abusaram da santidade de Deus em seu comportamento à mesa do Senhor (1Co 11.30-32).

Essas advertências a todos os violadores da lei de Deus continuam ainda hoje. Ninguém pode ignorar a lei de Deus impunemente. Mesmo o povo que vive sob as graciosas provisões da nova aliança deve se lembrar desse princípio.

3. Os cristãos sob a nova aliança serão avaliados no dia do julgamento mediante as ações que praticaram, tanto boas como más (2Co 5.10). Um quadro consistente surge na Escritura: a salvação é pela fé, mas o julgamento

explicitamente mencionado! O objetivo é claro: Deus está interessado em redimir famílias, não meramente indivíduos. Para mostrar o seu interesse, ele inclui unidades familiares na sua aliança. De fato, não é explicitamente declarado que crianças estavam presentes em qualquer uma das famílias mencionadas; mas o fato claro da prática batismal da nova aliança é que era de acordo com as famílias.

Esperança para as famílias de hoje

A prática explícita nos dois mil anos da mesma aliança de redenção, desde Abraão até Cristo, fornece o fundamento histórico para essa prática de batismo de família da nova aliança. As famílias de Abraão, Moisés e Davi foram providas com o mesmo modo de redenção por meio do sangue de Cristo; e cada uma das alianças sucessivas menciona explicitamente a inclusão dos filhos. A profecia de Jeremias a respeito da nova aliança também fala do compromisso permanente de Deus em redimir famílias (Jr 31.31, 33).

Há esperança para a sua família. As promessas são para você e sua família. Quando você se submete ao batismo e leva os seus filhos para serem batizados, você reivindica, pela fé, as promessas da aliança de Deus. À medida que você e seus filhos responderem, em fé, à graça de Deus, vocês verão a plena manifestação de sua graça ao redimir um povo para si mesmo.

Perguntas para revisão

1. Onde o livro de Atos se refere a batismos de famílias?

2. Que esperança é oferecida à sua família pelo ensino bíblico sobre o batismo?

Perguntas para discussão

1. Descreva como você imagina que as famílias, em Atos 2.38,39; 10.2,44, 48; 16.14,15; 16.31-34; 18.8; 1 Coríntios 1.14, 16, adoravam e falavam sobre as coisas espirituais. Pense na sua própria experiência, história espiritual, características distintivas, etc.

2. Que novas idéias sobre como a sua família deveria se relacionar com Cristo são sugeridas pelo que você aprender neste capítulo?

é pelas obras. Na verdade, os homens participarão dessa apavorante cena de julgamento como ovelhas, à direita, ou como bodes, à esquerda (Mt 25.31-33), mas o julgamento será de acordo com as ações feitas no corpo, tanto boas como más. Essa base para o julgamento é aplicada às pessoas que vivem hoje, assim como às pessoas dos dias de Moisés.

Seria bom para os cristãos que foram salvos pela morte sacrificial de Cristo dar plena atenção a esse princípio. Cristo não apenas *morreu por vocês*: ele *vive em vocês*. Pela fé, vocês podem reivindicar seu poder transformador. Vocês podem receber força do Cristo vivo para andar de acordo com a vontade dele.

A aliança da lei mosaica pode ser vista como se relacionando organicamente com toda a história redentora. Desde então, e até a presente era, a lei de Deus continua a exercer um papel de suprema importância. Em vez de ter se tornado uma relíquia do passado, ela continua a ter relevância até a consumação.

Perguntas para revisão

1. Como a lei é um retrato? Como ela é um espelho?

2. Escolha dois dos Dez Mandamentos. O que o primeiro mostra acerca de Deus? O que o outro ensina acerca de você mesmo?

3. O que é característico da aliança mosaica?

Perguntas para discussão

1. Se você "não está mais sob a lei, mas sob a graça", por que você deve viver de acordo com a lei de Deus?

2. Escolha um dos Dez Mandamentos que controlam uma área da sua vida que precisa de aperfeiçoamento. Use as perguntas seguintes para desenvolver um plano de obediência: (a) Como este retrato de Deus sugere que eu deveria ser? (b) Qual o primeiro passo que eu deveria dar para me transformar? (c) Quando eu posso dar esse passo? (d) Quem poderá me ajudar? Como? (e) Que estímulos sugeridos pelos mandamentos eu posso reivindicar?

9

PROGRESSO MEDIANTE PRECEITOS

Moisés: a aliança da lei (II)

Existe algo que não valoriza um muro
Que manda a terra congelada inchar
E derrubar as pedras acima quando o sol brilhar...

Digo a ele que minhas macieiras nunca poderão o muro cruzar
Para os cones sob seus pinheiros desgustar...
Existe algo que não valoriza um muro.

- Robert Frost, *Mending Walls* (1913)

Há algo que não valoriza uma lei. Há alguma coisa na humanidade que fará tudo o que puder para evitar uma lei, para ignorar uma lei, para resistir a uma lei. No entanto, a lei é uma bênção de Deus.

O que seria da vida se não houvesse a lei da gravidade? Nesse caso, você não poderia nem mesmo tomar um copo de água. Se não houvesse a lei moral contra o roubo, você nunca poderia deixar o seu carrinho de compras do lado de fora do supermercado enquanto fosse buscar o carro. As suas compras cuidadosamente escolhidas não estariam mais ali quando você voltasse.

A lei como um aperfeiçoamento

Para se apreciar o valor sempre crescente da revelação da lei na Escritura, é necessário entender quanto as circunstâncias eram melhores para o povo de Deus sob Moisés do que em todas as eras anteriores. Como uma semente que cresce como uma nova árvore e amadurece como uma árvore frutífera, assim a revelação da lei de Deus progrediu ao longo de toda a história da redenção.

A totalidade da vontade de Deus estava implícita desde o princípio, do mesmo modo que a semente contém toda a árvore. Porém, o desdobramento progressivo das leis específicas de Deus exibe um avanço que se move em direção a uma revelação mais plena na nova aliança.

Para alguns intérpretes da Bíblia, a revelação da lei no Sinai significou um perigoso passo de retrocesso para Israel. Como indicado no capítulo anterior, alguns propõem que, em vez de ter aceitado apressadamente as condições da aliança da lei mosaica, Israel deveria ter suplicado humildemente por uma ampliação do período sob as graciosas provisões da aliança da promessa abraâmica.

Essa perspectiva dificilmente faz justiça ao cenário no Sinai. O próprio Deus apareceu no topo da montanha. Fumaça, fogo, terremoto e um som de trombeta muito alto acompanharam a vinda do Senhor. Ele entregou o resumo legal de sua vontade de um modo autoritário que só pode ser próprio de Deus. "Tudo o que falou o Senhor faremos" é a única resposta apropriada aos preceitos dessa lei divina (Êx 24.3).

Não se deve esquecer que a provisão para o perdão era parte integrante da revelação da lei no Sinai. O Senhor não exigiu um compromisso que fosse impossível para o seu povo redimido. Ele fez ampla provisão para libertar da condenação mediante o sistema sacrificial. As exigências da aliança da lei mosaica também não eram, em essência, diferentes da devoção a Deus exigida de Abraão. Sob a aliança da promessa, foi exigido do patriarca que andasse diante do Senhor com comprometimento total de sua vida (Gn 17.1). Esse compromisso envolvia a mesma obediência à vontade de Deus que a requerida de cada cristão, quando ele confessa o senhorio de Cristo sobre a sua vida.

Melhor de quatro maneiras

Em que sentido aconteceu um *avanço* na aliança mosaica? Quatro áreas em particular devem ser observadas.

Primeira, a aliança da lei mosaica constituiu Israel numa *entidade nacional*. A aliança abraâmica havia funcionado a contento para um povo nômade, nos dias dos patriarcas, mas as complexidades da vida nacional exigiam uma sociedade mais ordenada. A aliança mosaica forneceu essa ordem necessária.

Segunda, a aliança mosaica excedeu as épocas anteriores em termos de *alcance* da revelação da vontade de Deus para o seu povo. Com um entendimento mais completo da lei de Deus, Israel possuía um conhecimento melhor do próprio Deus da aliança. Além disso, uma revelação compreensiva

da vontade de Deus age como um freio contra especulações errôneas acerca do caminhar de uma pessoa com Deus. Alguns conceitos errôneos acerca da possibilidade de perfeição nesta vida sugerem que o homem pode libertar-se de todo pecado conhecido. Não se pode imaginar nenhuma posição mais perigosa! Se uma pessoa é exposta a uma representação compreensiva da vontade de Deus, provavelmente ela está muito menos sujeita a esse tipo de auto-avaliações inadequadas.

Terceira, a aliança da lei mosaica representa um avanço no sentido de que essa revelação da lei tem uma capacidade maior de *humilhar* os homens e as mulheres. Quanto mais eles se tornarem cientes de seu pecado, mais prontamente fugirão para Cristo.

Quarta, a aliança da lei mosaica forneceu um quadro mais completo da *santidade* esperada do povo de Deus. Seu povo deveria ser um sacerdócio real, que reflete as glórias de um Deus santo.

Desse modo, a declaração mais completa da lei de Deus nos dias de Moisés não deve ser recebida como um passo para trás no processo da redenção. Em vez disso, essa lei significa vida mais plena para o redimido. Ao mesmo tempo, a aliança mosaica era muito menor em sua glória do que a que se seguiu no desdobramento ordeiro da vontade de Deus para o seu povo. Particularmente quando comparada com a luz brilhante da nova aliança, a revelação da aliança da lei mosaica é considerada inferior.

A lei hoje

Ao expor a drástica diferença entre a forma escrita da aliança mosaica e a forma cheia do Espírito e vivificadora da nova aliança, Paulo comenta sobre a tendência humana de apegar-se às antigas sombras, apesar das glórias maiores da nova realidade. Levando em conta a forma exteriorizada da anterior, ela pode ser caracterizada como um ministro da morte e da condenação (2Co 3.7-9). O Deus da aliança certamente estava presente ao dar vida por meio da aliança mosaica; porém, sua forma era de sombras exteriorizadas que não tinham o poder de dar vida.

"Mas até hoje" um véu cobre a face dos homens e mulheres quando lêem a lei de Moisés, diz Paulo (2Co 3.15). O caráter temporal, temporário e limitado da aliança mosaica está oculto de seus olhos. Quando comparada a todas as formas de religião, a lei aparece em tal glória que não pode ser compreendida como condicionada temporariamente e desvanecendo em sua glória. A comunidade judaica atual lê a lei do Antigo Testamento com esse véu sobre seus olhos. Eles comparam o código mosaico com todos os outros

sistemas religiosos, e assim ficam tão convencidos de sua qualidade superior que são incapazes de pensar numa forma mais gloriosa de religião.

Porém, sempre que eles se voltarem para o Senhor, o véu será removido (2Co 3.16). Como os sacrifícios mosaicos poderiam ser comparados, em valor, ao sacrifício do Filho de Deus? O que é a exibição da glória de Deus no tabernáculo no deserto, quando comparada ao esplendor da glória de Deus que irradia do Filho?

Aqueles que alegam que Cristo desejou apegar-se às leis quanto aos alimentos e cerimoniais da aliança mosaica não reconhecem que essas coisas foram abolidas em Cristo. Essas leis foram importantes, por algum tempo, como um modelo para ensinar a santidade. Como os andaimes numa construção ou a casca que envolve uma noz, essas leis cerimoniais serviram a um propósito temporário, até que o produto final fosse formado.

Um breve comentário sobre o Filho de Deus encarnado (cf. Mc 7.15, 19) tem o poder legal de eliminar as estipulações da aliança mosaica que têm estado em vigor por séculos. "Nada [i.é, nenhum alimento] há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar..." (Ao dizer isso, Jesus declarou que todos os alimentos são "limpos".) Alguns podem ficar tão impressionados com a majestade da legislação mosaica que não são capazes de imaginar a sua revogação, mas as palavras de Jesus são claras. Todos os alimentos devem ser recebidos com ação de graças, dando-se glória a Deus, o Redentor.

As atitudes atuais com relação ao sétimo dia, o sábado, também não conseguem apreciar a novidade da nova aliança. É verdade que o princípio essencial de um dia de repouso em sete permanece inviolável: o quarto mandamento continua incrustado na estrutura permanente das dez palavras. Porém, deve o sétimo dia, em vez de o primeiro, continuar a ser santificado como o período para descanso e adoração?

De acordo com João 20.19, 26, o Senhor ressuscitou dos mortos e estabeleceu um padrão de aparecimento a seus discípulos no primeiro dia da semana. Segundo Atos 20.7, o partir do pão e a pregação da palavra ocorriam no primeiro dia da semana. Segundo 1 Coríntios 16.2, as ofertas regulares da igreja eram feitas no primeiro dia da semana. De acordo com Apocalipse 1.10, o apóstolo João achou-se em espírito no dia do Senhor, o que indica que a ressurreição de Cristo teve o efeito de reivindicar um dia da semana como peculiarmente seu. Ao mostrar o seu poder sobre a morte nesse dia, ele comunicou a seus discípulos que esse dia era peculiarmente seu. Enquanto a antiga aliança da lei aguardava por um dia vindouro de

repouso mediante o símbolo do sétimo dia, a vida da nova aliança celebra um repouso de redenção que foi agora alcançado.

O que dizer da teonomia (governo de Deus)?

O avanço da nova aliança para além da antiga também é parcialmente negado por aqueles que têm grande respeito pelas leis civis de Israel. Chamadas de "teonomistas", essas pessoas são impressionadas pela eqüidade e sabedoria das leis que governavam o Estado de Israel – e corretamente. Particularmente quando comparadas com as leis impostas pelo Estado secular atual, a ordem civil do Estado de Israel, sob a antiga aliança, amplia as glórias de um Deus santo.

No entanto, deve ser reconhecido o valor limitado do Estado de Israel da antiga aliança como um modelo tipológico do reino de Deus. Seu domínio era definido espacialmente pelas fronteiras divinamente estabelecidas da Palestina. Dentro dessas fronteiras, a terra devia ter uma divisão cívica mediante a distribuição entre os descendentes físicos das doze tribos de Israel.

Nunca houve a pretensão de estabelecer essa legislação no território da Assíria ou do Egito (para pensar apenas nos vizinhos mais próximos de Israel). Embora planejada para revelar a eqüidade de Deus na distribuição da terra, essa legislação era temporal em sua aplicação, limitada ao tempo da presença de Israel como uma nação organizada na Palestina, sob as provisões da antiga aliança.

Na colonização inicial da América, foram feitos alguns esforços para reinstituir os códigos civis de Israel. As leis da Nova Inglaterra, como impressas em 1641, foram estabelecidas segundo os direitos territoriais tribais do antigo Israel; desse modo, as propriedades normalmente tinham de ser vendidas a outras pessoas que já habitavam uma cidade (mantendo, desse modo, a terra designada dentro da "tribo"). As filhas que herdavam terras deviam se casar dentro do distrito eleitoral da cidade ou pagar um imposto de aluguel para o tesouro público da cidade. Porém, esses esforços de transferir uma teocracia organizada de modo tribal para a moderna comunidade civil envolvem uma grande quantidade de esforço imaginativo. Conquanto o princípio geral de eqüidade possa ser transferido, as leis de natureza civil da antiga aliança não podem ter o efeito obrigatório das dez palavras.

Particularmente em razão da coação da verdadeira religião mediante autoridades cívicas segundo a lei mosaica, torna-se claro que a legislação da antiga aliança prevê um governo teocrático, que não se ajusta às intenções

de Deus para a expansão do evangelho na presente era. De acordo com Deuteronômio 13.5, o profeta que promove uma falsa religião deve morrer. Segundo Deuteronômio 13.6-11, se qualquer pessoa, até mesmo em sua própria casa, propuser secretamente a adoração de outro deus, ela deve morrer. Conforme Deuteronômio 13.12-18, se toda uma comunidade propuser a adoração de um falso deus, toda a comunidade deve ser destruída.

Essas práticas podem ser úteis para descrever a eficácia do julgamento final. Elas podem fornecer uma base para a excomunhão da igreja de Cristo. Porém, pedir ao Estado secular atual – até mesmo um Estado cristianizado – para impor essas leis somente conduziria a sociedade uma vez mais aos horrores das guerras religiosas dos séculos passados.

Mediante a graça comum de Deus, os poderes civis atuais podem realizar uma função limitada de restringir o mal entre a humanidade caída. Por essa razão, eles merecem a honra que pertence apropriadamente à autoridade do Estado. Porém, as glórias do modelo da antiga aliança não devem ser confundidas com as funções limitadas do Estado na era atual. O Senhor da nova aliança reconheceu pessoalmente o lugar do Estado atual como distinto do seu próprio reino, quando declarou: "Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21).

Um dia a verdadeira religião será imposta pelo verdadeiro Estado. Porém, esse dia virá apenas com o retorno de Cristo em glória, quando ele estabelecerá o reino eterno de Deus. Enquanto isso, o cristão não deve se deixar cegar pelas glórias da revelação da antiga aliança, falhando em ver a glória maior da graça da nova aliança, no modo em que ela é manifesta aos homens de todas as nações.

O reino da nova aliança é superior ao modelo tipológico da época da antiga aliança. Graça maior é mostrada a todas as nações. Concentração maior é colocada na permanentemente duradoura lei moral de Deus. Glória maior é encontrada na pessoa de Cristo, o Rei ungido, que derramou o seu Espírito sobre toda carne.

Perguntas para revisão

1. Liste os modos segundo os quais a aliança mosaica é um avanço em relação à aliança abraâmica.

2. Liste suas impressões e reações quanto ao papel da lei mosaica no Judaísmo atual, ao Sétimo Dia do Adventismo, ao dispensacionalismo e à teonomia. Que perguntas você tem acerca do papel da lei mosaica hoje?

Perguntas para discussão

1. Esboce como você usaria o material desta lição numa conversa com um judeu. Se você tem um colega de trabalho ou um amigo judeu, adapte o seu resumo às idéias e necessidades dessa pessoa.

2. Em que sentido o Estado moderno deveria legislar moralmente de acordo com a lei mosaica? Em que sentido ele não deveria fazê-lo?

10

O REI ESTÁ VINDO

Davi: a aliança do reino

E então chega o reino! O clímax da antiga aliança acontece na vinda do reino nos dias de Davi. A semente da mulher, destinada a esmagar a cabeça da serpente, é revelada como uma semente real. A preservação da terra da violência, como prometida a Noé, será mantida mediante um único soberano que restringirá o perverso pela atemorização do infrator. A terra prometida a Abraão, que tem as mesmas dimensões do território da monarquia davídica, será governada mediante uma administração justa. A maior bênção da lei cairá em abundância sobre o povo de Deus por meio do governo bondoso do legislador que se assenta entronizado no Monte Sião.

O trono assegurado

Essa vinda se concentra na segurança do trono do rei. Quando o rei se assentar no seu trono, o reino chegou. Esse princípio é verdadeiro tanto nos períodos da antiga quanto da nova aliança. Por essa razão, é muito importante estar ciente da precisa circunstância histórica em que o trono do rei foi assegurado.

O estabelecimento da aliança do reino encontra-se registrado em 2 Samuel 7. Nesse capítulo, Deus confirma sua promessa de aliança para com o Rei Davi. Três acontecimentos preparam o cenário.

1. Davi conquistou Jerusalém (2Sm 5). Esse acontecimento simbolizou um passo na direção da unificação do povo de Deus num laço muito forte sob um único líder. Até a queda de Jerusalém, Davi governava de Hebrom, escondido no interior das tribos do sul. Esse arranjo se desenvolvera naturalmente, visto que Davi era descendente de Judá, cuja herança tribal estava na porção mais ao sul da Palestina.

Jerusalém era uma terra de ninguém que ficava no centro dos dois maiores segmentos da população de Israel. Ela ainda estava nas mãos dos

jebuseus. Ao tomar Jerusalém e estabelecer o seu trono nesse lugar, Davi deu um grande passo na direção da unificação da nação. Assim como o Distrito de Colúmbia (EUA) foi estabelecido entre os Estados do norte e do sul a fim de fornecer uma localidade neutra para a nova capital dos Estados Unidos, do mesmo modo a situação de Jerusalém naturalmente a tornou um local onde a nação de Israel poderia unir-se ao redor do seu rei.

2. Davi levou a arca para Jerusalém (2Sm 6). A arca da aliança representava o trono de Deus. Era o local do qual Deus exercia o seu senhorio sobre a terra. O Santo habitava entre os querubins e administrava o seu poder entre as nações do mundo a partir desse ponto.

Essa ação representou a fusão do trono humano da monarquia davídica com o trono de Deus. O maior desejo de Davi era que o seu governo como rei fosse nada mais nada menos que uma manifestação do governo de Deus sobre a terra.

Antes de Davi levar a arca para a sua cidade real de Jerusalém, a representação terrena do trono de Deus poderia estar num lugar e o trono do rei de Israel em outro. Davi procurou uma harmonização de seu senhorio com o próprio governo do Senhor. Ele desejou colocar o seu domínio sob a autoridade direta de Deus. Essa ação de levar a arca de Deus para Jerusalém foi o precursor mais importante para o estabelecimento da aliança davídica.

3. Davi finalmente encontrou descanso de todos os seus inimigos (2Sm 7.1). É disso que o reino de Deus trata. O rei de Israel governa em segurança, com todos os seus inimigos sob seus pés, porque ele governa como representante do Deus eterno.

A partir dessas circunstâncias que cercam a segurança do trono de Davi, mediante a aliança divina, podem ser alcançados alguns discernimentos sobre o presente governo de Jesus Cristo, o Rei da nova aliança. Sua coroação ocorreu em sua ressurreição e ascensão à mão direita do Pai logo após a sua humilhação e o seu sepultamento.

Mediante a sua ressurreição e ascensão, Cristo "subiu às alturas" e "levou cativo o cativeiro" (Ef 4.7-13). Mediante a sua ascensão para a Jerusalém celestial, o Monte Sião do qual Deus reina, Jesus Cristo fundiu o domínio de Deus com o seu próprio trono messiânico. Todo o poder no céu e na terra agora pertence a ele, como pertence a Deus. Tendo se sentado à mão direita do poder de Deus, ele exerce soberania sobre pessoas e nações como representante de Deus o Pai. Todos esses aspectos do senhorio de Cristo foram antecipados, em forma de sombra, pelo estabelecimento do trono davídico.

O cenário do estabelecimento do trono de Davi sob a antiga aliança nos ajuda a entender o governo atual de Cristo. Por meio de sua ascensão à mão direita do Pai, ele fundiu o trono messiânico com o senhorio eterno de Deus.

A pessoa sobre o trono

À parte do aparecimento desse indivíduo que deve agir como rei, as circunstâncias que conduzem à segurança do reino não têm significado. O reino não pode vir sem o rei. Assim, o versículo-chave da aliança davídica é 2 Samuel 7.14. Nesse versículo Deus diz a Davi que o seu descendente, que governará depois dele, será designado como filho do próprio Deus: "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho".

Não surpreende, numa época de muita intimidade com Deus, ler sobre um homem que será conhecido como filho de Deus, mas da perspectiva da antiga aliança esse tipo de designação era quase impensável. Deus era grande demais para que esse tipo de relacionamento de intimidade pudesse ser sequer imaginado!

De fato, Israel como uma nação era chamado de filho de Deus (Êx 4.22,23; Os 11.1). Porém, nunca uma pessoa foi designada como filho de Deus – todavia isso ocorre aqui! O descendente de Davi, que governará como representante de Deus sobre o reino de Deus, recebe a designação de "filho de Deus".

Esse princípio de um descendente de Davi que é filho de Deus encontra seu cumprimento climático em Jesus, o Cristo. Como a realização da promessa da antiga aliança, é no sentido mais pleno que Deus governa a partir do trono de Davi (veja Hb 1.5).

É desse princípio da centralidade do rei como filho de Deus que surge as duas principais ênfases nessa aliança.

Primeiro, o rei age como mediador da aliança. Por toda a história da monarquia de Davi, o rei mediou a aliança entre o povo de Deus. Ele representava o povo diante de Deus e Deus diante do povo. O rei tinha o poder de iniciar os compromissos da aliança por parte do povo e o poder de suplicar por eles diante de Deus com base na aliança. O rei, na estrutura de Israel, não cumpria formalmente o ofício de um sacerdote; mas como filho ele tinha acesso ao Pai, e assim cumpria o papel de intercessor *pelo* povo, bem como o de governar *sobre* o povo.

Finalmente, esse papel de um rei que intercede também atinge a perfeição na pessoa de Jesus Cristo. Seu duplo papel como sacerdote-rei não é segundo a ordem de Levi, que era apenas sacerdote. Em vez disso, ele é um rei que é sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, que era "rei de justiça", enquanto, ao mesmo tempo, agia como um sacerdote compassivo (cf. Hb 7.1ss.).

Esse conceito do rei como mediador da aliança afeta a *sua* vida. Ele significa que o seu rei é o seu sacerdote. Aquele que governa sobre você é o mesmo que suplica por você. Em outras palavras, seu advogado é seu

juiz – aquele que suplica por você é o mesmo que impõe julgamentos sobre você! Seu rei é seu sacerdote e seu sacerdote é seu rei.

Em segundo lugar, o rei davídico prometido é Filho de Deus. Este Rei sacerdotal governa como Filho sobre o povo de Deus para sempre. O Filho que governa no reino de Deus permanecerá no seu trono por toda a eternidade. A casa, o reino e o trono de Davi estão estabelecidos para sempre (2Sm 7.16).

A fidelidade de Deus a essa promessa é prefigurada pelo fato de que a linhagem de Davi e o trono de Jerusalém foram mantidos sob a antiga aliança por um período de mais de quatrocentos anos. Esse mandato provavelmente representa a mais longa dinastia na história do mundo. Ela pode ser imediatamente contrastada com a experiência do reino do norte de Israel. Dentro de seus duzentos anos de história, o reino do norte teve uma dúzia de famílias diferentes como governantes, com quatro capitais diferentes.

No entanto, a pergunta que importuna não pode ser suprimida: Como podemos explicar o fato de que a monarquia da linhagem davídica finalmente foi interrompida? Ainda que a promessa concernente ao governo do filho de Davi falasse de um trono eterno, Jerusalém foi finalmente destruída e o governo da linhagem de Davi chegou ao fim.

Poderia ser sugerido que a queda da monarquia davídica foi apenas um intervalo, uma interrupção, e que o reino de Davi será restaurado em alguma data futura. Porém, a idéia de *para sempre* claramente implica sucessão ininterrupta. Não seria muito tranqüilizador pensar que a promessa de que você viverá para sempre possa envolver uma interrupção de vários milhares de anos ao longo do caminho.

A solução desse problema pode ser encontrada no papel tipológico do rei e de seu reinado na antiga aliança. Um tipo é um tipo de ilustração, e qualquer ilustração inevitavelmente contém imperfeições – de outro modo a ilustração em si seria a coisa a ser ilustrada. Assim, um rei que representa o futuro papel de Jesus, o Cristo, invariavelmente possuirá imperfeições em seu governo que nunca serão encontradas na coisa real. Todas as sombras proféticas da antiga aliança contêm menos da realidade da redenção do que o que é encontrado na substância da nova aliança.

Paralelos com outras formas de sombras da antiga aliança podem ser úteis. O maná finalmente cessou, embora Deus continue a alimentar o seu povo para sempre. Os sacrifícios com sangue cessaram, embora o povo de Deus ainda ofereça o sacrifício perpétuo de louvor a Deus. Assim, a linhagem davídica cessou, ainda que Jesus Cristo reine para sempre como um descendente de Davi.

O papel tipológico do trono de Davi é visto claramente quando é declarado que Salomão, ao suceder Davi, "assentou-se no trono do SENHOR,

rei, em lugar de Davi, seu pai" (1Cr 29.23). Salomão sentou-se no trono do Senhor! Obviamente Salomão não estava assentando-se no trono de Deus no céu num sentido material. Em vez disso, ele assentou-se em figura – uma imagem vaga do trono de Deus. Visto que o trono de Davi pretendia representar o próprio trono de Deus, a relevância da localidade dessa imagem do trono na antiga aliança torna-se clara. Tanto o trono de Davi quanto o de Deus estão localizados no mesmo lugar.

Jesus Cristo, o Messias de Davi, agora se assenta no trono de Deus, que é o trono de Davi. Ele governa no céu à mão direita de Deus, o cumprimento da sombra da antiga aliança na nova. A promessa de um governo eterno mediante o Filho divino de Davi encontra o seu cumprimento no governo de Cristo à mão direita de Deus, o Pai. Esse governo já começou. A promessa de que ele durará eternamente significa que o governo de Jesus Cristo nunca será interrompido – nem por um momento, nem por uma hora.

Reis e rainhas para Deus

Cada participante na nova aliança participa pessoalmente nessa filiação estabelecida pela aliança de Deus com Davi. Cada cristão também é considerado por Deus como rei. Conseqüentemente, Paulo aplica a cada cristão este versículo acerca do descendente de Davi:

> Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos... e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas (2Co 6.17,18).

Na verdade, Jesus Cristo é o Filho de Deus num sentido único. Ele é "o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3). Ele é a realização mais completa da profecia acerca do descendente de Davi como filho real de Deus (cf. Hb 1.5). Todavia, essa aliança do reino, feita com Davi, também fala diretamente sobre *cada* cristão como filho ou filha real de Deus. Pela fé em Jesus Cristo, um homem ou uma mulher torna-se herdeiro e governador no reino de Deus.

Anime-se! Nada jamais interromperá o governo soberano do seu Rei sacerdotal, o Senhor Jesus Cristo. Ele sempre ordena os acontecimentos do mundo, sejam pequenos ou grandes, para o bem de seu povo e para a sua própria glória. Como disse o poeta:

> Alma trêmula, cercada por medos,
> "Teu Deus reina!"
> Olhe para cima e enxugue tuas lágrimas:
> "Teu Deus reina!"
> Embora teus inimigos ataquem com poder,

Nada prevalecerá contra ti;
Confia nele – ele nunca falhará:
"Teu Deus reina,
Teu Deus reina!"

- Fred S. Shepherd

Perguntas para revisão

1. Quais os três acontecimentos que prepararam o cenário para o reino davídico?

2. Quais são as duas principais ênfases da aliança davídica?

3. Como a promessa de um governo eterno, feita por Deus a Davi, está sendo cumprida hoje?

Perguntas para discussão

1. Como os filhos de Deus participam da nova aliança do mesmo modo que Davi em seus dias? Em outras palavras, Deus é nosso Pai no mesmo sentido que o foi para Davi ou o é num sentido diferente?

2. Escolha um de seus salmos favoritos, talvez um que tenha sido especialmente útil para você há poucas semanas. Reescreva o salmo com suas próprias palavras. Você pode desejar indicar como Cristo cumpre o papel de Deus no salmo e como o salmo se relaciona pessoalmente com você. Por exemplo, se o Salmo 144 serviu de encorajamento para você, você poderia parafrasear os versículos 3 e 4 deste modo:

Senhor Jesus Cristo, quem é Nancy para que cuides dela,
a filha de um ser humano para que penses nela?
Ela é como uma brisa;
Seus dias são como uma sombra passageira.

3. Como o conceito de Cristo estando assentado agora no trono de Davi no céu afeta as suas expectativas acerca do reino futuro de Cristo a partir de um trono localizado na Palestina? Uma localização do seu trono num único local geográfico representaria avanço ou um retrocesso em relação à sua situação presente?

11

A CONSUMAÇÃO DE TUDO ISSO

Cristo: a aliança da consumação (I)

As promessas da nova aliança são numerosas; mas elas são para você? Elas estão se cumprindo nesta era? Observe de perto uma amostragem de passagens das Escrituras sobre a nova aliança para responder a essas perguntas.

> Lucas 22.20: "Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós".
>
> Hebreus 10.15-17 (citando a profecia da nova aliança de Jeremias): "E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei, acrescenta: Também de nenhum modo me lembrarei dos seus pecados e das suas iniqüidades, para sempre".
>
> 1 João 2.27: "Quanto a vós outros, a unção que deles recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou" (cf. Jr 31.34).

Aqui está – três diferentes autores do Novo Testamento aplicam aspectos centrais da nova aliança aos dias atuais! Cada vez que você celebra a Ceia do Senhor você participa de uma de suas bênçãos primitivas. Segundo o escritor de Hebreus, é para *nós* que a profecia do perdão de pecados foi escrita. No entendimento do apóstolo João, a unção do Espírito Santo de Deus, a qual dá compreensão espiritual imediata, é uma realidade presente. Você que crê em

Cristo não tem de esperar para conhecer a plenitude de vida que vem por meio do derramamento do Espírito Santo de Deus em você.

Uma nova aliança

Em razão do seu envolvimento pessoal com as bênçãos da nova aliança, considere a substância da profecia original da antiga aliança, que descreve o futuro em termos pactuais. Os profetas do Senhor descreveram o futuro em termos de uma aliança. Eles falam que, a longo prazo, o futuro da humanidade será determinado por uma estrutura pactual. Esse fato ressalta a importância permanente da aliança de Deus.

Jeremias é um dos profetas que usam a expressão *nova aliança*. Ele o faz apenas numa passagem (Jr 31.31-34), embora diversos outros versículos em Jeremias e em seu contemporâneo, Ezequiel, desenvolvam a mesma idéia (Jr 32.37-41; 50.4,5; Ez 37.24-28; 16.60-63; 34).

Uma exibição de *slide* pactual

A partir das profecias mencionadas, podem ser observadas várias ênfases relacionadas à nova aliança. Primeira, essa "nova aliança" será acompanhada pelo retorno do Israel exilado para a terra. O exílio representava uma maciça inversão da bênção de Deus sob a antiga aliança. Israel foi lançado fora de sua terra. Porém, sob a nova aliança, o povo de Deus será levado de volta à sua terra. A nova aliança cumprirá as promessas originais de Deus a Abraão e até mesmo a Adão, concernentes à posse do paraíso.

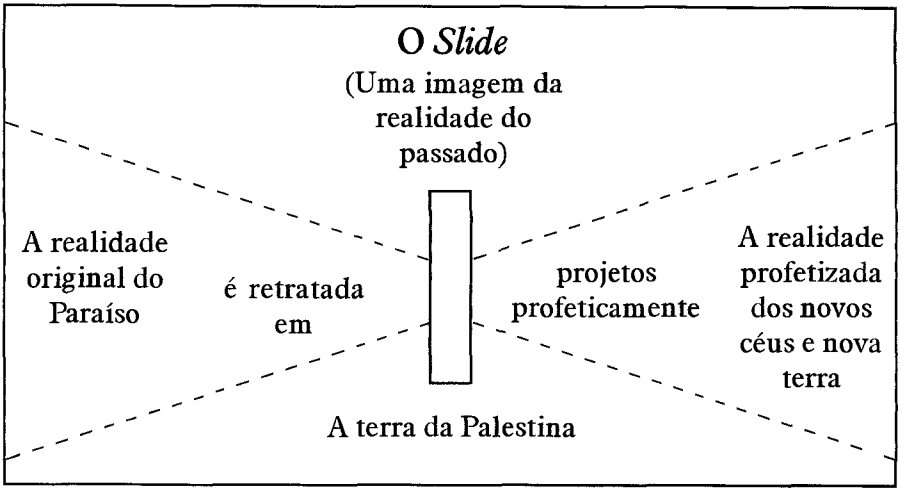
O que essa promessa significa para você hoje? Qual é o valor da promessa da terra? As notas de 1 dólar, impressas pela casa da moeda dos Estados Unidos, costumavam incluir a expressão "silver certificate". Isso significava que poderia ser exigido o valor atual de 1 dólar de prata, em qualquer banco, em troca da nota de 1 dólar. Qual é o valor de troca da promessa da terra?

Alguns diriam que o valor de troca é zero a menos que você seja judeu, ainda que o Novo Testamento diga que todo cristão é herdeiro das promessas da nova aliança. Outros diriam que o valor de troca dessa promessa seria uma porção da terra física da Palestina, algum dia no futuro. Porém, parece muito bizarro imaginar todos os cristãos e judeus crentes, que viveram durante os séculos, tentando dividir a pequena terra da Palestina.

Uma resposta melhor pode ser encontrada ao se considerar a imagem da terra prometida a Abrão como um *slide* fotográfico. Trata-se de uma fotografia do paraíso, estabelecido originalmente por Deus para Adão e Eva, projetado para o futuro como uma terra que mana leite e mel. A promessa da Palestina era uma pequena fotografia do paraíso restaurado.

Quando essa fotografia é projetada pelos profetas no futuro, ela se expande novamente até o seu tamanho original no paraíso. A terra aparece como um céu e terra transformados. Todo o cosmos recebe renovação. O paraíso da criação, tendo encolhido por algum tempo às dimensões ilustradas da Palestina, finalmente se expande novamente em termos de novos céus e nova terra.

Esse conceito pode ser demonstrado graficamente:



Quando as profecias da nova aliança se referem à promessa da terra, pense no passado, na realidade original da terra do paraíso da qual o *slide* foi feito. Então, projete para o futuro em termos de novos céus e nova terra. Como um participante na nova aliança dos dias atuais, você é um herdeiro do novo mundo prometido por Deus.

Segundo a visão de João, a nova Jerusalém, associada com os novos céus e a nova terra, terá doze mil estádios (2.400 km) de comprimento, largura e altura (Ap 21.16). Seus habitantes serão uma multidão de pessoas que ninguém poderá contar. Com a possibilidade de literalmente bilhões de quilômetros quadrados de superfície, essa cidade-consumação não poderia se encaixar na Palestina, que mede apenas 64 km de largura nas vizinhanças de Jerusalém. Os novos céus e a nova terra e a nova Jerusalém rompem todos os limites da antiga cidade tipológica.

Como um membro do Israel de Deus pela fé, você pode aguardar a sua restauração à terra que Deus prometeu. Os novos céus, a nova terra e a nova Jerusalém são sua habitação pela eternidade.

A terra abençoada

Uma segunda promessa da nova aliança é a restauração plena das bênçãos sobre a terra. O deserto florescerá e cada homem habitará em paz sob sua própria vinha e sua própria figueira. Essa promessa de bênção restaurada sobre a terra e seus habitantes encontra uma descrição dramática na visão de Ezequiel dos ossos secos (Ez 37.1-14). Ezequiel vê um vale cheio de ossos secos. É dito para ele profetizar para esses ossos. Os ossos tornam-se vivos diante de seus olhos, são cobertos com tendões e carne e recebem o fôlego de vida. Na interpretação da visão, o Senhor diz: "Eis que abrirei a vossa sepultura, e vos farei sair dela, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel" (Ez 37.12). Essa promessa é identificada como parte da aliança perpétua, a aliança de paz (Ez 37.26).

Essa mesma ligação entre a restauração da terra e a ressurreição dos mortos é encontrada na descrição de Paulo da era do Espírito. Paulo declara que toda a criação geme, como que em dores de parto, exatamente como nós, "aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rm 8.22,23). Nós, hoje, como participantes da nova aliança, esperamos um novo céu e uma nova terra nos quais nós, com o nosso corpo ressurreto, gozaremos da plena restauração das bênçãos da terra.

Vida no estágio final

Em terceiro lugar, a nova aliança promete cumprir todos os compromissos anteriores do Senhor das alianças. Nessa mesma seção de Ezequiel, o profeta combina as características das alianças davídica, mosaica e abraâmica, e indica que todas elas alcançarão cumprimento com a perpétua aliança de paz. O servo do Senhor reinará (davídica); o povo de Deus guardará suas leis e decretos (mosaica); viverá na terra dada a Jacó (abraâmica – veja Ez 37.24-28). A nova aliança não é nova no sentido de que é recente: ela envolve a consumação de todas as promessas anteriores de Deus.

Quarta: a nova aliança renovará o coração. Deus promete essa mudança do homem interior como uma garantia de que as bênçãos da aliança serão experimentadas:

> Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis (Ez 36.26,27).

Essa mesma promessa sustenta a profecia de Jeremias concernente à nova aliança. O novo coração e a posse do Espírito de Deus é uma promessa gloriosa que o Senhor está cumprindo agora neste período da nova aliança.

Quinta: com a nova aliança, vem o perdão total dos pecados. Esse perdão é a base da nova aliança (Jr 31.34). Pelo fato de que todos os pecados são perdoados, as bênçãos da aliança podem ser experimentadas. Será feita uma busca pela iniqüidade de Israel, mas nenhum pecado será encontrado (Jr 50.20). Deus os purificará de suas iniqüidades, perdoando-os completamente (Jr 33.8).

Esse perdão não é a alegria do crente em Cristo hoje? Não pode alguém que confia em sua morte por seus pecados identificar-se como aquele que participa na bem-aventurança do povo da nova aliança de Deus?

Sexta: a reunião de Israel e Judá também está envolvida nas bênçãos da nova aliança. Israel virá junto com os filhos de Judá, procurando o Senhor (Jr 50.4). Um Pastor-Rei da linhagem davídica governará sobre a nação reunida (Ez 34.23).

Essas palavras acerca da unidade do povo de Deus, sob a nova aliança, nos fazem lembrar das palavras notavelmente semelhantes de Jesus. Ele disse: "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor" (Jo 10.16). Jesus Cristo, o bom pastor que dá sua vida pelas ovelhas, une em si mesmo todas as várias ovelhas num único aprisco.

Ele não apenas une os crentes israelitas de várias origens, como também une os crentes gentios com eles. As outras ovelhas, que não são israelitas, virão das nações gentílicas. Estas outras ovelhas serão reunidas num único aprisco sob Jesus. Falando em termos práticos, esse ensino significa que não deveria haver "judeus messiânicos" organizados como uma igreja, isolados dos cristãos gentios. Em vez disso, deveria haver um rebanho, com Cristo como o único pastor.

O apóstolo Paulo fala diretamente sobre essa mesma bênção da nova aliança. Ele a descreve como um mistério outrora oculto, mas agora revelado (Ef 3.2-5). O mistério é que, por meio do evangelho, os gentios são herdeiros juntamente com Israel, são membros de um só corpo e juntos participam na promessa de Cristo Jesus (Ef 3.6).

Herdeiros juntos, membros juntos, participantes juntos – os gentios herdam exatamente as mesmas promessas juntamente com os judeus crentes. Tudo o que pertence ao Israel da antiga aliança agora pertence aos gentios da nova aliança. Ambos os grupos são enriquecidos desmedidamente

mediante a participação conjunta nessas promessas de Deus. Esta é a bênção da nova aliança.

Sétima, a permanência é uma característica essencial da nova aliança. Embora alguns aspectos das alianças anteriores de Deus tivessem dimensões perpétuas, a nova aliança é única – tudo nela é para sempre. Existem estágios em sua realização, mas ela não será suplementada ou suplantada por um relacionamento pactual subseqüente.

Num sentido distinto, a nova aliança é a última aliança. Porque ela realizará aquilo que Deus sempre pretendeu na redenção, ela nunca será substituída por uma aliança subseqüente.

Que privilégio é viver hoje! *Você* pode ser um participante na última grande aliança de Deus. A plenitude do tempo chegou. A era futura que os profetas viram está sendo concretizada. É sua a alegria de participar nas ricas bênçãos da era da nova aliança.

Perguntas para revisão

1. Liste sete ênfases na descrição dos profetas do Antigo Testamento da nova aliança.

2. Como a imagem da terra na literatura do Antigo Testamento é semelhante a um *slide* fotográfico?

Perguntas para discussão

1. Como a sua própria casa é uma fotografia do que Deus prometeu dar a você eternamente?

2. Escolha uma das sete ênfases da primeira Perguntas para revisão e a aplique às suas responsabilidades no casamento ou no seu trabalho. Como essa promessa profética sustenta seus esforços e encoraja você? Que pedidos de oração ela sugere a você?

12

ENCONTRANDO O EQUILÍBRIO

Cristo: a aliança da consumação (II)

Balançar-se numa gangorra pode ser muito divertido – se ela for mantida em equilíbrio. Porém, se alguém der um impulso muito forte numa extremidade, a vida da pessoa que está na outra extremidade pode ficar complicada.

A nova aliança foi planejada para ser uma bênção para todos os seus participantes, mas a verdade acerca da nova aliança deve ser mantida em equilíbrio. Se uma pessoa for longe demais na direção de qualquer um dos vários aspectos da nova aliança, ela criará sérios problemas. Observe as áreas nas quais o equilíbrio é essencial para se gozar apropriadamente de todas as bênçãos da nova aliança.

Tudo que era antigo tornou-se novo

Deve-se encontrar o equilíbrio entre a continuidade e a novidade na relação da antiga aliança com a nova. Esta última aliança é uma nova aliança. Todo o frescor, a surpresa, o divertimento de um brinquedo novo ou de uma máquina nova caracterizam a aliança sob a qual você vive hoje. Porém, a nova aliança também está vinculada à antiga. Ela representa continuidade com o passado, bem como novidade para o presente. A profecia de Jeremias diz que está chegando o dia de uma nova aliança. Esta nova aliança não será como a antiga aliança feita por Deus com os antepassados (Jr 31.31,32).

De que modo a antiga aliança contrasta com a nova? Obviamente ela está em oposição à aliança da lei mosaica. Porém, esse não é o quadro completo

do contraste, como a profecia de Jeremias indica. Essa nova aliança contrastará com a antiga "no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito" (Jr 31.32). Na ocasião em que Deus tirou o povo do Egito, a aliança mosaica não estava em vigor. Israel foi liberto do Egito sob as provisões da aliança abraâmica (veja Êx 6.4-6). Além disso, o próprio Jeremias vivia nos dias da aliança davídica. Quando ele profetizou acerca da vinda de uma nova aliança, no futuro, ele falou sobre uma aliança que estaria em oposição à aliança davídica de seus dias também. A nova aliança contrasta com as alianças mosaica, davídica e abraâmica do passado. Ela é de fato uma coisa radicalmente nova, desconhecida anteriormente na história da humanidade.

O drástico contraste é dramatizado pela declaração de Jeremias de que essa nova aliança viria à existência porque Israel havia quebrado a antiga aliança (Jr 31.32). A frase *porquanto eles anularam a minha aliança* na verdade declara que Israel tornou nula a antiga aliança. Num sentido, a fenda entre a antiga aliança e a nova é tão grande que pode ser dito que a antiga chegou ao seu fim com a chegada da nova aliança.

Por essa razão, a nova aliança não deve ser vista meramente como uma renovação da antiga aliança. A comunidade de Qumrã dos dias de Jesus entendia a nova aliança desse modo errôneo. Eles esperavam um restabelecimento das antigas leis mosaicas como o sinal da chegada da nova aliança. Algumas opiniões atuais a respeito da nova aliança seguem essas mesmas linhas de pensamento. Alguns cristãos esperam, num futuro próximo, um reino que durará por mil anos, no qual as antigas leis mosaicas de sacrifício serão restabelecidas.

Porém, a novidade da nova aliança deve ser apreciada mais plenamente. Essa antiga aliança está anulada, cancelada e posta de lado. Ela foi substituída pela nova. Ao mesmo tempo, um equilíbrio deve ser mantido. Como uma soma de todas as alianças de Deus que lidam com os homens, a nova aliança permanece ligada à antiga.

Um ponto de continuidade é encontrado na referência à Torá, a lei que Deus escreverá no coração dos participantes da nova aliança. "Na mente, lhes imprimirei as minhas leis", diz o Senhor (Jr 31.33). Em essência, é a mesma lei da antiga aliança que agora é escrita nos corações dos participantes da nova aliança. Nem todos os detalhes das leis cerimoniais e civis podem ser aplicados, pois elas estavam ligadas à forma peculiar da constituição do Israel da antiga aliança. Porém, a essência da Torá de Deus, a lei permanente dos Dez Mandamentos, é agora escrita nos corações de homens e mulheres. Uma sólida linha de continuidade é estabelecida nas alianças.

Outro ponto de continuidade entre a antiga aliança e a nova é visto no fato de que a nova aliança completa a redenção prometida sob a antiga. "Não obstante eu os haver desposado", diz o Senhor ao descrever o seu relacionamento com Israel sob a antiga aliança (Jr 31.32). Todo o cuidado e os sentimentos carinhosos que Cristo expressa para com a sua noiva, a igreja, estavam presentes no amor redentor de Deus para com Israel sob a antiga aliança. Ao completar este amor redentor, mediante Cristo, Deus liga as alianças, a antiga e a nova, uma à outra.

A centralidade do perdão nas alianças também liga a antiga e a nova. Muitos sacrifícios simbolizavam o perdão na antiga aliança. Na nova, Deus promete que "dos seus pecados jamais me lembrarei" (Jr 31.34). Enumere suas bênçãos, e coloque o perdão de pecados no topo da lista. Você pode ver a continuidade com o passado mediante a centralidade do sistema sacrificial da antiga aliança. Porém, Jeremias coloca a experiência do crente da nova aliança em outro campo: nenhuma lembrança dos pecados! Ainda que os crentes da antiga aliança oferecessem sacrifício pelo pecado, suas próprias ações em busca do perdão envolviam uma lembrança do pecado. Porém, não é mais exigido nenhum sacrifício sob a nova aliança. O sacrifício final foi oferecido de uma vez por todas. Participar da libertação da lembrança do pecado é uma das grandes bênçãos da nova aliança.

O um e o muitos

O equilíbrio também deve ser encontrado entre a corporatividade e a individualidade na relação da antiga com a nova aliança. Às vezes, tem sido proposto que a singularidade da nova aliança repousa na sua ênfase no papel do indivíduo em determinar a sua relação pessoal com Deus. Essa ênfase no individualismo contrasta com a ênfase na corporatividade na antiga aliança. Um comentarista moderno resume esta posição da seguinte maneira:

> Ao proclamar essa nova forma de relacionamento pactual, Jeremias e Ezequiel viram que ele mudou completamente o antigo conceito de um relacionamento corporativo ao substituir a nação como um todo pelo indivíduo.
>
> Provavelmente a contribuição mais significativa que Jeremias fez ao pensamento religioso estava inerente em sua insistência de que a nova aliança envolvia um relacionamento pessoal com o Espírito. Quando a nova aliança foi inaugurada mediante a obra

> expiatória de Jesus Cristo no Calvário, esse importante desenvolvimento da fé e espiritualidade pessoal, oposta à corporativa, se tornou real para toda a humanidade. (Harrison, R. K. *Jeremiah and Lamentations*. Downers Grove, Ill., 1973: 140.)

Essa perspectiva sugere uma total descontinuidade na aparência da antiga aliança e da nova. A nova aliança é entendida como tendo mudado completamente a antiga mediante a substituição do relacionamento *corporativo* pelo *individual*. A fé e a espiritualidade pessoal da nova aliança são apresentadas como sendo diametralmente opostas à fé e espiritualidade corporativa da antiga aliança.

Contudo, o problema não é tão simples assim. As pessoas da antiga aliança não eram responsáveis por manifestar fé pessoal e individual? Sim, elas eram. Ao mesmo tempo, as palavras de Jeremias de fato dizem que a nova aliança será feita com a casa de Israel e com a casa de Judá (Jr 31.31, 33). Essa linguagem dificilmente sugere uma substituição do relacionamento corporativo pelo individualismo na nova aliança.

Na nova aliança, pode ser visto um realce de *ambas* as dimensões. O apóstolo João interpreta a declaração profética de Caifás, acerca da morte de um homem pela nação:

> [Ele] profetizou que Jesus estava para morrer pela nação e não somente pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus, que andam dispersos (Jo 11.51,52).

Cada indivíduo é responsável por aceitar o Salvador mediante a sua fé pessoal, mas Deus continua, na nova aliança, lidando corporativamente. O Senhor administra a graça da nova aliança a famílias e a igrejas como um todo. "A casa de Judá" ou "... de Israel" se refere, no final das contas, ao povo eleito de Deus. É com essas pessoas, como uma unidade, que é estabelecida a nova aliança.

Pode existir uma tensão entre o corpo corporativo da igreja e os indivíduos que são salvos pela graça de Deus. Nem todos na igreja visível são salvos. Porém, esse fato não leva a um desprezo do corpo corporativo como a estrutura do tratamento de Deus com seu povo. O equilíbrio deve ser estabelecido entre as dimensões corporativa e individual da nova aliança. Cada uma tem o seu papel.

Dentro e fora

Deve-se encontrar equilíbrio entre a realidade interior e a forma exterior das bênçãos da nova aliança. A ênfase claramente recai sobre as realidades interiores da nova aliança. Deus promete que ele escreverá a sua lei em seus corações (Jr 31.33). Se a antiga aliança tinha a lei escrita em tabletes de pedra, externas à humanidade, a nova aliança tem a mesma lei inscrita dentro do coração. Porém, esse contraste significa que não havia renovação do coração sob a antiga aliança? Não havia habitação do Espírito Santo no crente da antiga aliança?

Diversos versículos da antiga aliança respondem a essas perguntas ao descrever o efeito salvador da obra do Espírito no coração do crente da antiga aliança (cf. Dt 6.6; 11.18; 10.12, 16; 30.6, 14; Sl 37.31; 40.8; 51.12, 19; 73.1, 13; Is 51.7; Jr 4.4, 14; 9.25; 23.9). Como alguém poderia ser salvo à parte da obra regeneradora do Espírito Santo? Como a vida renovada do crente da antiga aliança poderia ser sustentada à parte da obra vivificadora do Espírito de Deus?

Ao mesmo tempo, o crente da nova aliança *experimenta* o Espírito de Deus de um modo não compreendido completamente pelo povo da antiga aliança. Sob a nova aliança, podem ser observadas três distinções na experiência com o Espírito.

1. A plenitude do Espírito Santo, pela qual ele permeia toda a vida, encontra uma realização mais completa sob a nova aliança. Graças à revelação mais completa de Cristo, o crente da nova aliança pode esperar a influência impregnadora do Espírito em toda a sua vida.

2. Os dons especiais do Espírito, que tornam possível que um crente ministre a outro crente, encontram uma maior manifestação sob a nova aliança. Deus prometeu, por intermédio de Joel, que ele derramaria o seu Espírito sobre toda carne. Todos os crentes sob a nova aliança participam da riqueza desses dons.

3. O ministério do Espírito de Deus vem agora imediatamente (i.é, sem mediador) do Cristo ressurreto, que está assentado na glória à mão direita do poder do Pai. Mediante a ressurreição de Cristo, foi introduzida uma nova era histórica, na qual o povo de Deus é ensinado imediatamente por Cristo em sua glória. Ele próprio tendo sido ungido com o Espírito, está em posição de derramar o seu Espírito sobre toda carne.

A origem do ofício de mestre na antiga aliança remonta ao tempo de Moisés. No Monte Sinai, o povo ficou apavorado. Eles pediram um mediador, um mestre (*moreh*) que transmitisse a verdade de Deus a eles. Esse arranjo resolveu o problema imediato que o povo tinha sob a antiga aliança. Eles podiam receber a palavra de Deus sem ter contato direto com ele. Porém, um mediador contradiz a própria essência da aliança. O objetivo de Deus, na aliança da redenção, era criar unidade entre ele e seu povo. Uma vez que existe um mediador entre Deus e seu povo, não pode ser realizada plenamente a unidade pretendida pela aliança.

A grande bênção da nova aliança vem com o término de qualquer necessidade de mediadores pactuais. *Todos* conhecerão o Senhor imediatamente. Sem qualquer necessidade de um intermediário, os homens o conhecem diretamente. Desde o menor até o maior, todos terão um conhecimento pessoal dele.

De acordo com a ordenação de Deus, a nova aliança ainda não foi concretizada em sua plenitude. No presente, os mestres suscitados com os dons do Espírito continuarão a instruir o povo de Deus, mas logo virá o dia em que a unidade completa de Deus com seu povo será concretizada. Então, o único mestre será o próprio Senhor.

Na nova aliança, as realidades interiores da relação de Deus com o seu povo são enfatizadas. Mediante a experiência maior da habitação do Espírito dentro de cada crente, as bênçãos maiores da nova aliança são concretizadas. Todavia, ao mesmo tempo, as bênçãos externas do povo de Deus não são ignoradas na nova aliança. A ordem de Deus do mundo material para o bem de seu povo inclui a provisão de todas as coisas necessárias para a vida e a piedade. Finalmente, as bênçãos dos novos céus e da nova terra serão herdadas por todo participante da nova aliança. Mediante a ressurreição do corpo, que ocorrerá mediante o Espírito, a bênção final do Senhor da aliança será derramada sobre o seu povo.

No fim, todas as promessas das antigas alianças de Deus com o seu povo encontram o seu cumprimento na nova aliança. Pois Cristo é tudo em todos, o princípio e o fim, o Alfa e o Ômega, a consumação das alianças de Deus. A ele seja a glória para sempre e sempre. Amém.

Perguntas para revisão

1. Quais são as áreas nas quais encontrar o equilíbrio adequado é essencial para se gozar a nova aliança?

2. O que torna especialmente difícil para você equilibrar suas experiências interiores com a graça de Deus com as exteriores?

Perguntas para discussão

1. Como o nosso amor pelas coisas novas torna difícil para nós apreciarmos a continuidade da antiga aliança na nova?

2. Concorde ou discorde: "O espírito pioneiro americano de individualismo exacerbado corrói a responsabilidade corporativa na igreja".

3. De que maneira você provaria que o Espírito Santo estava ativo nos crentes durante a antiga aliança?

13

A CRUZ E A ALIANÇA

Todas as estradas levam a Roma, certo? Errado! Há dois mil anos esse mito foi destruído: todas as estradas *não* levam a Roma. Em vez disso, todas as estradas levam à cruz. Todas as estradas do tempo, todas as estradas da História, todas as avenidas dos sucessos e fracassos do homem no mundo levam à cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

A palavra *cruz* está relacionada diretamente às palavras *dificuldade*, *crise* e *crítica*. A cruz é o centro crítico de todas as coisas do passado, do presente e do futuro.

Para se entender toda a sua plenitude, a cruz deve ser vista da perspectiva da aliança. A aliança ilumina a cruz; a aliança magnifica a cruz; a aliança realça a majestade e o poder da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

Por que a cruz?

Um dos mais antigos líderes da igreja escreveu um pequeno livro intitulado *Cur Deus Homo?* Ou, *Por que Deus se fez homem?* Nesse livro, Anselmo lutou com uma profunda questão: Por que Jesus Cristo teve de morrer? Não teria sido possível para Deus perdoar os homens sem a morte terrível de nosso Senhor Jesus Cristo? Quando se lê esse antigo tratado, pode-se ver a importante contribuição feita por Anselmo na direção de uma resposta a essa pergunta, embora o seu raciocínio como um todo não seja convincente. Anselmo começa declarando que Deus tinha de tornar-se homem a fim de manter a sua própria glória como Deus. Se o homem permanecesse numa condição de caído, a honra de Deus sofreria prejuízo.

O apóstolo Paulo parece discordar de Anselmo nesse ponto, pois segundo Paulo Deus é glorificado mesmo quando ele traz justo julgamento sobre o perverso (Rm 9.22). Não era necessário Deus salvar os pecadores para que a sua honra fosse mantida. Deus poderia ser glorificado ao trazer um justo e reto julgamento sobre o perverso.

Em outro argumento, esse antigo teólogo chega mais perto da essência da questão. Por que Cristo teve de morrer? Os teólogos chamam essa

segunda resposta de Anselmo de o "antecedente da necessidade absoluta" da expiação. A palavra *antecedente* se refere a algo que vem antes. Anselmo argumenta que algo veio antes da absoluta necessidade da morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Qual é esse antecedente? Era o compromisso de Deus na aliança de salvar homens e mulheres pecadores.

Uma vez que Deus se comprometeu a salvar pecadores, apenas um caminho era possível para que essa intenção se tornasse realidade: o Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, teria de morrer no lugar dos pecadores. Se Deus devia ser o justo e o justificador do ímpio, ele devia sacrificar o seu próprio Filho, fazê-lo sofrer o justo julgamento que o pecado merece. O antecedente da necessidade absoluta da expiação se refere a esse compromisso da parte de Deus de redimir os pecadores ainda que à custa do seu próprio Filho. Ainda que a salvação pudesse vir somente por meio de um sacrifício justo e substitutivo pelos pecados, o Senhor do céu e da terra não impediria o seu único Filho.

Esse compromisso solene do Senhor está incrustado no conceito da aliança como um "compromisso de sangue administrado soberanamente". Por causa do pecado que violou o compromisso do homem na aliança, uma morte devia ocorrer para que a redenção fosse feita. Esta morte veio a acontecer na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. A cruz de Cristo é central em cada fase da aliança da redenção. As maravilhas e as glórias da poderosa cruz de Cristo devem ser compreendidas a partir da perspectiva de todo o fluxo da história humana.

A cruz no jardim

As palavras para a serpente, no jardim, unem a cruz e a aliança. Satanás podia ferir com um poderoso golpe o Salvador nascido de mulher, mas ao lançar seu golpe esmagador, o próprio Satanás receberia um golpe mortal na cabeça. Jesus finalmente fez uma clara exibição de seu triunfo sobre os poderes satânicos em sua cruz (Cl 2.14,15). Toda injustiça cometida no mundo pelos poderes de governo, negócios ou sociedade deriva sua inspiração de Satanás. Todavia, a cruz de Jesus Cristo quebrou a força desses poderes.

A cruz no dilúvio

A aliança que Deus fez com Noé também se concentra na cruz de Cristo. O dilúvio antecipou o julgamento que Deus enfim traria sobre o seu próprio Filho, o Senhor Jesus Cristo. Nosso Senhor falou como o pecador afogado quando gritou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Ao sofrer a morte, Cristo cumpriu os compromissos feitos por Deus na aliança com Noé. Deus, o justo juiz, somente podia preservar a terra cheia de perversidade mediante a provisão de um substituto do pecador. Foi em antecipação da recepção do Senhor Jesus Cristo do julgamento devido aos pecadores que a salvação foi providenciada para Noé e sua família.

A cruz na montanha

A seguir vem a aliança com Abraão. Novamente a cruz de Cristo é central. Deus disse a Abraão: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (Gn 22.2). Como foi maravilhosa a fé de Abraão! Ele disse aos seus servos: "Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, *voltaremos* para junto de vós" (Gn 22.5 – ênfase acrescentada). O escritor de Hebreus diz que Abraão cria que, se necessário, Deus ressuscitaria Isaque dos mortos (Hb 11.19).

Pense no problema da perspectiva de Abraão. Ele sabia que Deus não podia mentir. Ele sabia que Deus tinha designado Isaque como aquele por meio de quem a semente da promessa viria. Porém, ele também recebeu uma ordem de Deus para que sacrificasse o seu filho, Isaque. À parte da fé, pareceria que Deus claramente se contradizia, mas pela fé Abraão concluiu que, se necessário, Deus ressuscitaria o seu filho dos mortos.

Abraão deveria oferecer o seu filho sobre o Monte Moriá. A centralidade da cruz emerge com a menção de Moriá num incidente posterior do Antigo Testamento. Nesse dia posterior, Davi vê o anjo do Senhor com sua espada desembainhada contra Jerusalém. Por causa do pecado de Davi, o julgamento de Deus paira sobre a cidade (veja 1Cr 21). Davi vai até Araúna, o jebuseu, com a intenção de comprar o local para o sacrifício. Araúna se oferece para doar a terra, o gado e tudo mais que fosse necessário para a oferta do rei, mas Davi insiste em que ele não apresentará ao Senhor algo que não lhe custe nada. Ele compra a terra e obtém o seu próprio sacrifício. Davi conclui que a casa do Senhor deveria estar localizada naquele lugar. O altar da oferta queimada deve estar ali. O templo de Deus deve permanecer ali.

Você vê a ligação desse incidente com a oferta de Isaque? Com a cruz de Cristo? Não completamente ainda – não até você observar que Salomão construiu mais tarde o templo do Senhor em Jerusalém, no Monte Moriá, onde o Senhor aparecera a seu pai Davi. Salomão constrói o seu templo no local da eira de Araúna, o jebuseu (2Cr 3.1), precisamente onde Abraão ofereceu Isaque cerca de mil anos antes de Davi!

Abraão viaja por três dias até uma montanha chamada Moriá, onde ele oferece seu filho – seu único filho, a quem ele ama. Nesse mesmo lugar o rei Davi oferece um sacrifício para livrar Jerusalém do julgamento de Deus. Salomão, subseqüentemente, constrói o seu grande templo nesse mesmo lugar e durante cerca de mil anos os sacrifícios do povo judeu são oferecidos no Monte Moriá. Jesus Cristo foi a esse lugar e apresentou-se a si mesmo como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O sacrifício que Abraão *estava disposto* a fazer, Deus *fez*.

Qual é a importância dessa congruência de lugar? É para tornar santo esse lugar onde os muçulmanos construíram seu "domo da rocha"? Esse lugar é santo, segundo as atuais restrições judaicas, que proíbem qualquer judeu de entrar na área do templo, por causa da possibilidade de profanar o "Santo dos santos"?

As ligações da História apontam em outra direção. Todos aqueles acontecimentos da Escritura prefiguram a realidade única da oferta do Filho de Deus. Não o *lugar*, mas a *pessoa* é santa. O centro da História, o centro dos compromissos da aliança de Deus, deve ser encontrado na cruz de Cristo. A maravilha não está na boa vontade do povo de Deus de sacrificar ao Senhor, mas no compromisso do Senhor em sacrificar-se por seu povo.

A cruz no deserto

A aliança de Moisés concentra-se no mesmo tema. Moisés levantou uma serpente no deserto como um sinal de que a serpente fora amaldiçoada. "O que for pendurado no madeiro é maldito de Deus", dizia a lei de Moisés (Dt 21.23; cf. Gl 3.13). A árvore foi criada como uma fonte de bênção para o mundo. Ela foi designada para fornecer sombra no verão e calor no inverno. Fruto e madeira vêm da árvore. Porém, quando o homem pendura um mortal numa árvore, toda a ordem criacional é virada de cabeça para baixo. Em vez de ser uma bênção para o homem, a árvore se torna uma maldição.

A serpente pendurada num madeiro significa a maldição do tentador. Foi mostrado ao povo de Deus, de uma maneira muito surpreendente, que ele deve olhar com fé para um objeto que foi amaldiçoado. Uma serpente num madeiro é o caminho para a sua salvação.

Como pode ser isso? A verdade de Deus deve ser manejada delicadamente, mas o princípio é claro. Deus, o Pai, olhando para o seu Filho na cruz, vê uma imagem amaldiçoada, comparável à serpente no madeiro; pois "Aquele que não conheceu pecado, ele [Deus] o fez pecado por nós; para que, nele,

fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). Toda a feiúra do pecado foi amontoada sobre o Senhor Jesus Cristo quando ele foi pendurado na cruz. Ele não cometeu pecado, mas o pecado foi imputado a ele.

Quando você olha com fé para aquele amaldiçoado dependurado numa árvore, todas as maldições devidas a você pelos seus pecados serão eliminadas para sempre. Você será curado da maldição da morte exatamente como Israel no deserto. O justo requerimento da lei de Moisés, concernente à punição dos pecadores, encontra seu cumprimento na morte pactual de nosso Senhor Jesus Cristo.

A cruz e o rei

A cruz também é central na aliança davídica. Mediante o compromisso de Deus com Davi, torna-se evidente que, mesmo no andar diário do cristão, a cruz e a aliança fornecem a chave. Estes dois elementos – a cruz e a aliança – não podem ser separados um do outro.

Uma das mais notáveis dimensões da vida do rei Davi é encontrada na punição que ele recebe da mão do Senhor. Quando Deus entrou em aliança com ele, lhe foi dito que, se ele e seus filhos andassem segundo os mandamentos de Deus, o Senhor abençoaria sua descendência e seu governo. Porém, se eles desobedecessem, ele os castigaria com a vara de homens e com açoites de filhos de homens (2Sm 7.14).

Agora Davi, o homem segundo o coração de Deus, cai num pecado terrível: ele comete adultério e co-assassinato. Depois de um ano de endurecimento de seu coração contra o convencimento do Santo Espírito, Davi é confrontado por Natã, o profeta. O coração do rei é quebrantado: "Pequei contra o Senhor", confessa Davi. Natã responde: "Também o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás. Mas, posto que com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do Senhor, também o filho que te nasceu morrerá".

De acordo com as provisões da aliança de Deus, Davi recebe a bênção do perdão juntamente com o castigo do Senhor. Ainda que rei, ele será disciplinado pelo seu pecado durante o restante de sua vida. Todavia, durante todos aqueles anos de tragédia e sofrimento, ele foi capaz de escrever salmo após salmo, louvando e agradecendo a Deus.

Como isso foi possível? É porque Davi sabia que o seu castigo era um sinal da fidelidade pactual de Deus para com ele. Até mesmo esses tempos muito difíceis serviram para abençoar "o homem segundo o coração de Deus".

Porque a aliança e a cruz estão ligadas, você pode viver cada dia com absoluta confiança de que tudo o que vem à sua vida origina-se da mão amorosa do seu Pai. Ele tem se comprometido em amar mediante um compromisso de aliança na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

As perfeições da cruz

Todas as sombras da antiga aliança chegam à realização final na cruz da nova aliança. As perfeições da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo conduzem a longa história da administração pactual ao seu cumprimento final. Por essa razão, a cruz de Cristo deve ser o centro de toda a sua vida. Ouça Paulo, quando ele declara a centralidade da cruz: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim" (Gl 2.19,20).

Visto que a cruz funciona como o centro da História, não pode haver outro foco para a sua vida. Você, por sua vez, deve tomar sobre si a sua cruz. Você deve morrer para você mesmo. A única razão para a sua vida deve ser encontrada na união com Cristo em sua cruz. Quando você, pela fé, olhar fixamente para ele, todas as promessas das alianças de Deus se tornarão suas. Você pode viver na maravilha do fato de que você está comprometido em relação de aliança com Deus tão firmemente como Adão, Noé, Abraão, Moisés e Davi. Mediante o amor de Cristo pelos pecadores, como visto na cruz, pela fé você é dele e ele é seu. "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo" (Gl 6.14).

Perguntas para revisão

1. Por que Cristo teve de morrer? Deus não poderia simplesmente ter perdoado os pecados do homem?

2. Liste os modos nos quais a cruz de Cristo é central em cada fase da aliança da redenção.

3. Escreva sobre três meios pelos quais a sua prática, no seu casamento ou no seu trabalho, desafia você a ser melhor, como resultado do estudo das alianças de Deus.

Perguntas para discussão

1. Como as injustiças cometidas pelos governos no mundo atual refletem o padrão de Satanás no jardim (i.é, mentira, negação dos

mandamentos de Deus, exagero, etc.)? Quais dessas injustiças parecem mais satânicas para você? Como o padrão da paixão de Cristo se contrapõe ao modo de Satanás?

2. Como a morte de Cristo fornece uma base lógica para a preservação da terra? Isso simplesmente significa que os cristãos deveriam ser melhores ambientalistas que os secularistas?

3. Como o fato de Moisés ter levantado a serpente no deserto ajuda você a entender a importância do perdão por meio do sangue de Cristo? Leia em voz alta 2 Coríntios 5.21 e medite sobre essa passagem como uma explicação da centralidade da cruz. Como essas verdades podem ajudar você a lidar com um sentimento particular de culpa agora?

"Eu serei o seu Deus e vocês serão o meu povo."

Essa é a promessa da aliança repetida de várias maneiras por toda a Escritura. Ela forma a base para o relacionamento de Deus com seu povo.

O autor demonstra como as alianças do Antigo e Novo Testamentos são centrais para todas as coisas no mundo de Deus. Você obterá uma nova compreensão da mensagem de redenção da Bíblia e um novo amor por seu próprio relacionamento de aliança com Deus por meio de Jesus Cristo.

O. Palmer Robertson ensina no Afrikan Bibie College, em Malawi, África Oriental, e no Knox Theological Seminary, em Fort Lauderdale, Flórida. É ministro da Presbyterian Church in America.



Teologia da aliança

EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.editoraculturacrista.com.br